



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CRISTIANE CONCEIÇÃO DE SANTANA RIBEIRO

**DESLOCAMENTO GEOGRÁFICO E PADRÕES DE USO LINGUÍSTICO: A
VARIAÇÃO ENTRE AS PREPOSIÇÕES EM ~ NI NA COMUNIDADE DE
PRÁTICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

São Cristóvão

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CRISTIANE CONCEIÇÃO DE SANTANA RIBEIRO

**DESLOCAMENTO GEOGRÁFICO E PADRÕES DE USO LINGUÍSTICO: A
VARIAÇÃO ENTRE AS PREPOSIÇÕES EM ~ NI NA COMUNIDADE DE
PRÁTICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos. Linha de pesquisa: Descrição, Análise e Usos Linguísticos.

Profa. Dra. Raquel Meister Ko Freitag (Orientador)

São Cristóvão

2019

CRISTIANE CONCEIÇÃO DE SANTANA RIBEIRO

**DESLOCAMENTO GEOGRÁFICO E PADRÕES DE USO LINGUÍSTICO: A
VARIAÇÃO ENTRE AS PREPOSIÇÕES EM ~ NI NA COMUNIDADE DE
PRÁTICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos, Linha de Pesquisa: Descrição, Análise e Usos Linguísticos.

Dissertação aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag - UFS
Universidade Federal de Sergipe
Presidente - Orientadora

Profa. Dra. Livia Oushiro - UNICAMP
Universidade De Campinas
1ª Examinadora - Externa

Profa. Dr. Sandro Marcio Drumond Alves Marengo - UFS
Universidade Federal de Sergipe
2º Examinador - Interno

Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araújo - UEFS
Universidade Estadual de Feira de Santana
3ª Examinadora – Externa

*A Deus toda honra, toda glória, toda gratidão.
À minha mãe Josefa Luiza.*

*“Amar é a gente andar nas veias um do outro... é a gente ser sangue do mesmo sangue”...
Pe. Fábria de Melo*

*Aos irmãos de sangue e do coração
Aline Lisboa; Diego Paulo; Flávia Evangelista; Júnior Sá; Luana de Aquino; Rebeca
Santana; Thaís Andrade.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, o senhor da minha vida, por tornar possível a realização desse projeto, por ter me feito forte quando eu precisei ser, por ter me dado sabedoria e discernimento, por me amar incondicionalmente.

À minha mãe Maria Santíssima por mediar todas as graças.

Aos meus pais Zacarias e Josefa Luiza que são a potência da minha vida, por ter nos mostrado, com suas ações, a humildade, o bom caráter, o valor da família e dos amigos. Pelo incentivo aos nossos estudos, desde criança, por serem porto seguro.

Às minhas irmãs Luana e Aline por todo amor e apoio que me deram durante esse período, por acreditar em mim mais do que eu mesma e por terem me dado as joias mais preciosas, Luiza e Analu. Ao meu irmão Luciano por todo incentivo e pela confiança.

Às amigas, que tenho como irmãs, Flávia, Rebeca e Thais, pela amizade, parceria e força a mim dedicados desde sempre. Por todos os momentos que passamos juntas nos laboratórios, por me emprestarem a casa e a família de vocês, por me fazerem acreditar que seria possível.

Ao meu esposo Diego Paulo pelo amor e apoio imensuráveis, por escutar os meus lamentos, me ajudar a controlar as ansiedades e pela paciência nos momentos de estresse.

À Professora Raquel Meister Ko Freitag por toda a orientação desde a iniciação científica, por despertar em mim o gosto pela pesquisa sociolinguística, por toda atenção a mim dedicada, pelo compromisso e por me fazer entender a importância do trabalho em grupo, sem o qual este estudo não estaria concretizado.

Ao Júnior Sá, que assim como Josilene Mendonça, Andréia Araújo, Alessandra Cardoso e Suelaine Souza, foram fundamentais no processo de execução deste estudo, por toda experiência e conhecimento partilhados, bem como os inúmeros momentos felizes e de força que tivemos.

Aos membros da banca examinadora Profa. Dra. Livia Oushiro, Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araújo e Prof. Dr. Sandro Marcio Drumond Alves Marengo, por aceitarem contribuir com este estudo, por todo conhecimento prestado, por todos os argumentos, críticas e sugestões que me fizeram pensar além do óbvio.

À equipe Gelins pelo suporte e troca de experiências promovidos

À CAPES pelo subsídio financeiro

Aos estudantes que da amostra Deslocamentos pela contribuição para a constituição deste estudo, disponibilizando um pouco do seu tempo.

Aos que mesmo de longe me apoiaram, sem nem saber direito do que se tratava, que escutaram meus desesperos pelo telefone e colocaram meu nome e este projeto em suas orações, em especial à minha Madrinha Isabel e à minha amiga Tarciele Costa e a toda a minha família, com a qual eu sei que posso contar sempre.

A todos, que de alguma forma contribuíram para a efetivação desse sonho, os meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

As políticas públicas de democratização do acesso ao ensino superior causaram grandes transformações no cenário das instituições públicas de todo o Brasil. Alunos de diferentes perfis sociais puderam cursar a graduação a partir de ações como a Lei de Cotas e o Sisu, o que tem levado à migração e às mobilidades de alunos para os centros universitários, gerando contatos social, cultural e linguístico. A situação de contatos pode levar à acomodação dialetal, por convergência e divergência, conforme postula a Teoria de Acomodação (GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991). A Universidade Federal de Sergipe (UFS) é um espaço que aloca estes contatos e se constitui como uma grande comunidade de práticas, possibilitando a observação da dinâmica da mudança linguística. Para a análise, selecionamos um traço linguístico, a variação entre as preposições locativas *em* ~ *ni*: do ponto de vista linguístico, a variante *ni*, segundo Castilho (2010), é resultado de uma regularização paradigmática morfonêmica de *em*, que representaria um gênero neutro, por paralelismo às formas amalgamadas *na* e *no*. Do ponto de vista social, estudos anteriores apontam que a variante é associada ao falar rural e menos escolarizado, embora evidências societais apontem para o seu não estigma. Considerando o contexto de contato da comunidade de práticas UFS, visamos descrever os padrões de uso das preposições locativas *em* ~ *ni* quanto aos processos de acomodação associados às dimensões objetivas e subjetivas dos falantes. Partimos do ponto de que a variante *ni* ocorre na fala dos estudantes da amostra e não é estigmatizada na comunidade. Como método, realizamos a documentação sociolinguística da comunidade com a gravação de 64 entrevistas com estudantes da UFS, estratificados quanto a 4 tipos de deslocamentos: I moradores da grande Aracaju; II moradores do interior do estado que se deslocam no movimento pendular para a Universidade; III nascidos e criados no interior, mas que vieram morar na capital por causa da Universidade; IV nascidos e criados em outros estados, mas que vieram morar em Aracaju por causa da UFS, e o tempo de curso. Foram identificadas 3044 ocorrências em contextos que permitem a variação da preposição, analisadas quantitativamente quanto às dimensões objetiva e subjetiva. Na dimensão objetiva, os resultados apontam para 96% de uso da preposição *em* e apenas 4% para variante *ni*. Apesar de pouco recorrente, a distribuição das ocorrências delineia efeito dos deslocamentos: os estudantes dos deslocamentos II e III foram os que fizeram maior uso da variante *ni*, seguidos dos deslocamentos IV e I. A variável tempo de curso não mostrou diferença estatisticamente significativa para uso da forma *ni*. Estes resultados sinalizam o efeito da origem e direção da mudança, do interior para a capital, e que não é afetada pela exposição à comunidade. O tipo de texto argumentativo, mais formal, favoreceu o uso da preposição *ni* em relação à narrativa e ao diálogo, menos formais. Em relação ao contexto linguístico, favorecem a variante *ni* a classe precedente articulador, a classe seguinte determinante e natureza fonológica posterior vocálica, o que reforça a hipótese de origem da forma *ni* como decorrente de processo paradigmático de regularização morfofonêmica. Para a dimensão subjetiva, consideramos os reparos como pistas indiretas: foram identificadas 4 operações de reparos com a forma *ni* (*no* para *ni*; *ni* para *no*; *em* para *ni*; *no* para *ni*). O reparo de *ni* para *no* sinaliza adequação morfológica, pois introduz um elemento que exige marcação de gênero, reforçando a hipótese de regularização morfofonêmica. Já os reparos de *no* para *ni* e *em* para *ni* sugerem que a variante está integrada à gramática, sem carregar estigma. Os resultados deste estudo contribuem para traçar o caminho da mudança linguística pela qual passa a variante *ni*, ao considerar forças que atuam no encaixamento linguístico e social.

Palavras-chave: Sociolinguística; deslocamento; regularização morfológica.

ABSTRACT

The public policies of democratization of access to higher education have caused great changes in the scenario of public institutions from all over Brazil. Students from different social profiles were able to attend undergraduate courses through actions such as the Law of Quotas and Sisu, which has led to the migration and mobility of students to university centers, generating social, cultural and linguistic contacts. The situation of contacts can lead to dialectical accommodation, by convergence and divergence, according postulates the Accommodation Theory (GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991). The Federal University of Sergipe (UFS) is a space that allocates these contacts and constitutes a great community of practices, allowing the observation of the dynamics of linguistic change. We select a linguistic trait, the variation between locative prepositions “em ~ ni”. From the linguistic point of view, the variant “em”, according to Castilho (2010), is the result of a paradigmatic morphonemic regularization of in, which would represent a neutral gender, by parallelism to the amalgamated forms “na” and “no”. From the social point of view, previous studies indicate that the variant is associated with rural speaking and less schooling. However, societal evidences point to their non-stigma. Considering the context of contact of the community practices of UFS, we aim to describe the patterns of use of locative prepositions in relation to the accommodation processes associated with the objective and subjective dimensions of the speakers. We start from the point that the variant “ni” occurs in the speech of the sample students and it is not stigmatized in the community. As a method, we performed the sociolinguistic documentation of the community with the recording of 64 interviews with UFS students, stratified as to 4 types of displacements: I Aracaju residents; II residents of the interior of the state that move in the pendular movement towards the University; III born and raised in the interior, but who came to live in the capital because of the University; IV born and raised in other states, but who came to live in Aracaju because of UFS, and the time of course. 3044 occurrences were identified in contexts that allow the variation of the preposition, which were submitted to quantitative treatment regarding the objective and subjective dimensions. In the objective dimension, the results point to 96% of use of the preposition in and only 4% for variant “ni”. Although it is not very frequent, the distribution of occurrences, we observed effect of the displacements: the students of displacements II and III were those that made greater use of variant ni, followed by displacements IV and I. The variable time of course did not show statistically significant difference for use of form “ni”. These results signal the effect of the origin and direction of change, from the interior to the capital, and which is not affected by exposure to the community. The type of argumentative text, more formal, favored the use of the preposition “n” in relation to narrative and dialogue. In relation to the linguistic context, they favor the variant “ni”, the preceding articulating class, the next determining class, and later vowel phonological nature. These results reinforce the hypothesis of origin of the form n as resulting from a paradigmatic process of morphophonemic regularization. For the subjective dimension, we consider the repairs as indirect clues: 4 repair operations were identified with the form “ni” (“no” for “ni”; “ni” for “no”; “em” for “ni”; “no” for “ni”). The repair of “ni” for “no” signal morphological adequacy, because it introduces an element that requires gender marking, reinforcing the hypothesis of morphophonemic regularization. Now, the repairs from “no” to “ni” and “em” to “ni” suggest that the variant is integrated to the grammar, without carrying stigma. The obtained results allow to trace the path of linguistic change through which the variant “ni” passes, contributing to the identification of the forces that act in the linguistic and social integration.

Keywords: Sociolinguistics; displacement; morphological regularization.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa de Sergipe.....	24
Figura 2: Localização da UFS em relação ao centro de São Cristóvão e a Aracaju.	24
Figura 3: Tipos de deslocamento em relação ao tempo de curso e ao gênero.....	43
Gráfico 1: Uso de <i>em</i> e <i>ni</i> na amostra.....	52
Gráfico 2: Realização por deslocamento	53
Gráfico 3: Realização por tempo de curso.....	55
Gráfico 4: Realização por tipo de sequência discursiva	56
Gráfico 5: Realização por classe antecedente.....	57
Gráfico 6: Realização por classe posterior	60
Gráfico 7: Realização por natureza fonológica posterior	63
Gráfico 8: Efeitos do modelo ajustado.	69
Quadro 1: Democratização e expansão da educação superior: Avanços 2003 – 2014 (BRASIL, 2014, p.27-28).....	18
Quadro 2: Tipos de deslocamentos dos Universitários da UFS.	26
Quadro 3: Dimensões da acomodação subjetiva e objetiva da fala.....	33
Quadro 4: Letra de músicas e memes contendo a forma <i>ni</i>	40
Quadro 5: Tipos de deslocamentos da amostra.	43
Quadro 6: Variáveis linguísticas controladas.	48
Tabela 1: Distribuição de <i>ni</i> por comunidade.....	Erro! Indicador não definido.
Tabela 2: Distribuição por documentadora	54
Tabela 3: Regressão logística com efeitos mistos com os fatores estatisticamente significativos.....	68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 A UFS COMO UMA COMUNIDADE DE PRÁTICAS: MOBILIDADE E CONTATOS LINGUÍSTICOS	15
1.1 O CONSTRUCTO DE COMUNIDADES DE PRÁTICAS	15
1.2 A UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	17
1.2.1 <i>Expansão da educação superior</i>	18
1.2.1.1 Sistema de Seleção Unificada – SiSU	20
1.2.1.2 A Lei de Cotas	20
1.2.2 <i>O “novo aluno”</i>	21
1.3 MOBILIDADE GEOGRÁFICA E CONTATOS LINGUÍSTICOS NA COMUNIDADE DE PRÁTICAS	22
1.3.1 <i>Deslocamentos geográficos</i>	22
1.3.2 <i>Contatos linguísticos</i>	27
2 TEORIA DA ACOMODAÇÃO E A VARIAÇÃO EM ~ NI.....	29
2.1 TEORIA DA ACOMODAÇÃO	29
2.2 CARACTERIZAÇÃO E USO DA VARIANTE NI.....	34
2.2.1 <i>Regularização morfológica</i>	34
2.2.2 <i>Origem africana</i>	37
2.2.3 <i>Isolamento e ruralidade</i>	38
2.2.4 <i>Rumos de ni</i>	39
2.3 DIMENSÃO SUBJETIVA DA VARIAÇÃO EM ~ NI: TRATAMENTO SOCIETAL	39
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	42
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	42
3.2 INSTRUMENTOS DE COLETA	44
3.2.1 <i>Roteiro de entrevista</i>	44
3.2.2 <i>A ficha social e termo de consentimento</i>	44
3.2.3 <i>Levantamento dos dados</i>	45
3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	45
3.3.1 <i>Dimensão objetiva</i>	46
3.3.1.1 Deslocamento	46
3.3.1.2 Tempo de curso	46
3.3.1.3 Sequência discursiva	47
3.3.1.4 Fatores linguísticos.....	48
3.3.1.5 Natureza Fonológica.....	48
3.3.2 <i>Dimensão subjetiva</i>	49
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	50
4.1 DIMENSÃO OBJETIVA	52
4.1.1 <i>Deslocamentos</i>	52
4.1.2 <i>Papel interacional</i>	54
4.1.3 <i>Tempo de curso</i>	54
4.1.4 <i>Tipo sequência discursiva</i>	55
4.1.5 <i>Variáveis linguística</i>	56
4.1.5.1 Classe antecedente.....	57
4.1.5.2 Classe posterior	60
4.1.5.3 Natureza Fonológica.....	63
4.2 DIMENSÃO SUBJETIVA: OS REPAROS	64
4.3 ANÁLISE VARIACIONISTA	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
ANEXOS.....	74

ANEXO A – FICHA SOCIAL DO PARTICIPANTE.....	80
ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	83
ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	84

INTRODUÇÃO

As políticas públicas que levaram à democratização do acesso à educação superior provocaram grandes transformações nas instituições de ensino superior do Brasil. A Lei de Cotas e o SiSU possibilitaram a entrada de novos alunos que até então não tinham condições de ingressar na universidade. As mudanças não aconteceram só nas universidades, mas também no seu espaço geográfico: por conta da flexibilidade do SiSU, movimentos de mobilidade estudantil ocorreram em muitos lugares do país, pela possibilidade de os estudantes concorrerem simultaneamente a vagas nas instituições federais de ensino superior de todo território nacional, e não só da sua localidade, levando os aprovados a se mudarem para outros estados.

A mobilidade estudantil também ocorreu no âmbito interestadual, como em Sergipe: com a expansão, a partir de 2006, alunos do interior do estado também puderam concorrer a estas vagas, e a mobilidade interior/capital aumentou consideravelmente, além da expansão da educação superior, com novas unidades universitárias no interior do estado, ampliando ainda mais o acesso à educação superior. Todas essas transformações possibilitaram o contato entre pessoas de várias regiões do estado e de fora dele, dentro de um mesmo espaço pelo compartilhamento das mesmas práticas. Esses novos alunos trouxeram suas variedades linguísticas, e para adequarem-se ao novo local e papel social, suas variedades podem passar por mudanças, assim como a variedade linguística predominante no meio universitário.

A UFS se constitui como uma grande comunidade de práticas, nos termos de Eckert (2006), na qual os indivíduos realizam ações em função de um objetivo comum; esta comunidade abriga várias outras comunidades, interligadas ou não, por redes sociais. Por ser um local que exige um estilo mais formal pelo viés da escolarização superior, os usos de formas linguísticas consideradas rurais, do interior ou de pessoas não escolarizadas, em geral, não são bem avaliados socialmente e tendem a ser refreados.

Decorrente destes contatos linguísticos, chamamos a atenção para a ocorrência da partícula *ni*, na fala de universitários, como podemos ver em (1) e (2), excertos de fala de um dos estudantes da UFS.¹

¹ Os excertos foram retirados da amostra Deslocamentos, constituída no âmbito do presente trabalho e detalhada no capítulo dos procedimentos metodológicos, e que compõe o Banco de Dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2013).

- (1) DAN2MI: procurar um um polímero que se adeque bem ao... aquilo que está sendo sen- sendo.. pensado tipo eh na fábrica de copos de... de... do Maratá lá lá *NI* Lagarto...
- (2) DAN2MI: eu vou pra casa da minha namorada vou pra igreja tem ensaio da banda também... ai... fico desenhando *EM* casa... eh estudo também porque tá osso... ((RISOS))

No excerto (1), a forma *ni* apresenta o mesmo valor sintático e semântico de *em* no excerto (2). Quanto à função sintática, ambas as formas estão ligando sentenças; quanto à função semântica, as formas *em* e *ni* localizam o sintagma nominal no espaço: *ni* *Lagarto*, cidade do interior do estado de Sergipe onde o estudante mora, e *em casa*, residência do estudante.

Embora não seja citada como preposição nos dicionários e na maioria dos compêndios gramaticais, a variante *ni* é comum na fala espontânea do brasileiro, principalmente em contextos mais rurais e de menos contato com bens de cultura letrada; entretanto, com o avanço movimento migratório do campo e para cidade, essa variante também pode ser ouvida na fala de jovens residentes de centros urbanos. Ferrari (1997) afirma que o uso de *ni* em variação com a preposição *em* é citado em estudos dialetológicos como característica do falar rural, mas a forma pode ser encontrada em centros urbanos de muitas cidades do Brasil, como São Paulo e Rio de Janeiro.

Os estudos de variação entre as preposições locativas *em* e *ni* mostram uma preferência quase categórica pela preposição *em*. A variante *ni* é ligada a um perfil social específico: pessoas de faixa etária alta, com pouca instrução e moradoras de zonas rurais (cf. SOUZA, 2015; ALBUQUERQUE; NASCIMENTO, 2013; FERRARI, 1997). No deslocamento para regiões mais urbanizadas, essas pessoas levam consigo traços linguísticos de sua comunidade de origem; assim, a variante *ni* também estaria na fala de jovens, escolarizados, como é o caso dos estudantes que residem em outras cidades e vêm de seus municípios do interior para a capital por causa dos estudos na UFS. Mas, com o passar do tempo na comunidade, a presença dessa variante pode diminuir na fala, como efeito de acomodação convergente. Do mesmo modo, quanto maior o deslocamento para chegar à UFS, menor o contato com a comunidade de destino e, por conseguinte, teríamos a manutenção dos padrões de recorrência da variante em sua comunidade familiar.

Assim, à luz dos estudos sociolinguísticos e pelo viés da teoria da acomodação à comunicação, o objetivo geral desse estudo é descrever o padrão de recorrência da variação entre as preposições locativas *em* e *ni* em função do deslocamento geográfico dos estudantes. Quanto aos objetivos específicos, destacamos: i) relacionar a variação nas preposições *em* e *ni* ao contato linguístico, promovido pela mobilidade geográfica decorrente das transformações

no acesso à comunidade de práticas UFS; ii) descrever a variação nas preposições *em* e *ni* em relação aos processos de acomodação associados às dimensões subjetivas e objetivas dos falantes. Assumimos as hipóteses de que: i) há efeitos de deslocamento na variação entre as preposições *em* e *ni*, devido o contato linguístico de estudantes de diferentes localidades em uma mesma comunidade de práticas; e ii) a variante *ni* seja decorrente de uma regularização morfológica de *em* como afirma Castilho (2011), e por esse motivo não sofra estigma por parte dos estudantes dessa amostra.

Este estudo foi desenvolvido junto ao Grupo de Estudos Linguagem, Interação e Sociedade (Gelins), e aos projetos “Acesso, permanência e qualidade na educação básica e superior”, já mencionado anteriormente, “Falares Sergipanos virtual; - “Variedade, diversidade, contato e os direitos linguísticos”, financiado pelos editais 02/2015 SENACON/MJ e CAPES/FAPITEC/SE 10/2016 PROMOB), que, com a constituição de bancos de dados visa discutir a noção de contatos linguísticos de variedades do português em Sergipe; “Saliência, percepção e atitudes sociolinguísticas”, financiado pelo CNPq, que avalia a produtividade de testes de percepção linguística em fenômenos variáveis socialmente salientes.

A documentação linguística que subsidia as análises foi realizada em parceria com Thais Regina Andrade Correa, que desenvolve a pesquisa “A variação na realização de /t/ e /d/ na comunidade de práticas UFS: mobilidade e integração” (CORREA, 2019). Os procedimentos éticos para a atividade de documentação foram realizados coletivamente por meio do processo CAAE 68318317.0.0000.5546, e as amostras, após documentação e tratamento, passarão a integrar o Banco de Dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2013, 2017).

1 A UFS COMO UMA COMUNIDADE DE PRÁTICAS: MOBILIDADE E CONTATOS LINGUÍSTICOS

Os estudos sociolinguísticos ganharam abordagens diferentes no decorrer de seu desenvolvimento e estas não são excludentes, mas complementares. O objetivo deste capítulo é apresentar constructos da sociolinguística que permitem relacionar a variação nas preposições locativas *em* e *ni* ao contato linguístico promovido pela mobilidade geográfica decorrente das transformações no acesso à comunidade de práticas UFS. Para tanto, introduzimos as abordagens de primeira, segunda e terceira onda dos estudos sociolinguísticos para descrever o constructo de comunidades de práticas; detalhamos as transformações na comunidade de práticas UFS em função das políticas de expansão da educação superior, migração e deslocamentos para estudo, e introduzimos o conceito de contato linguístico estabelecendo relações com o traço linguístico em análise, a variação nas preposições locativas *em* e *ni*.

1.1 O CONSTRUCTO DE COMUNIDADES DE PRÁTICAS

As diferentes tendências dos estudos sociolinguísticos são mostradas por Eckert (2012) em três diferentes concepções denominadas por ela de três ondas. A primeira onda dos estudos sociolinguísticos, conforme a autora, contempla os estudos que estabeleceram um padrão regular de estratificação socioeconômica da forma linguística, com diferenciação étnica e regional. A crítica apontada por Eckert (2012) aos estudos dessa perspectiva é o fato de tomar amostras de fala de indivíduos estratificados em células previamente definidas por categorias macrossociais, o que resultava em uma representação geral dessas categorias sociais.

Já a segunda onda dos estudos sociolinguísticos ainda considera categorias sociais de variação em comunidades de fala, mas com o foco mais voltado para o estudo etnográfico, identificando os componentes das categorias como agentes participantes de grupos e possuidores de formas linguísticas que expressam a identidade local ou da classe (ECKERT, 2012).

E na terceira onda, Eckert (2012) destaca que a variação é vista na perspectiva da variação na qual se constrói em identidades fundamentais para que os falantes se coloquem no panorama social por meio de uma agentividade linguística, ou seja, os falantes se posicionam

socialmente por meio de personas/identidades considerando suas práticas estilística. A autora reforça que esse estilo não é o proposto por William Labov nos estudos de primeira onda, que trata do grau de atenção à fala; essa perspectiva é voltada para as práticas estilísticas como modo de pertencimento a grupos. Membros de comunidades mais restritas usam determinadas formas linguísticas com objetivo especificamente social, e os indivíduos usam essas marcas para se posicionarem e se diferenciarem dentro dos grupos. Conforme Eckert (2012, p.94, *tradução nossa*)², “enquanto as duas primeiras ondas veem o significado da variação como uma consequência acidental do espaço social, a terceira onda a vê como uma característica essencial da língua”. Essa última abordagem muda o foco dos primeiros estudos propostos pelas duas primeiras ondas para examinar a variação em grupos menores como comunidades de práticas.

uma comunidade de prática desenvolve maneiras de lidar com coisas, visões, valores, relações de poder, modos de falar. E os participantes se envolvem com essas práticas em virtude de seu lugar na comunidade de práticas e do lugar da comunidade de prática na ordem social mais ampla (ECKERT, 2006, p. 1, *tradução nossa*)³.

Comunidade de prática é um grupo de pessoas engajadas de maneira contínua em torno de um objetivo comum. Toda a sociedade é constituída por diferentes grupos como esses (colegas de trabalho, grupos religiosos, associações, grupos de estudantes, dentre outros) e o estudo nesses espaços permite analisar a linguagem dos falantes levando em consideração suas práticas (ECKERT, 2006). As pessoas participam de várias comunidades de práticas ao mesmo tempo e moldam sua linguagem de acordo com o papel social que desempenham em cada uma delas. Eckert e McConnel-Ginet (2010[1992]) ressaltam a importância de analisar esse constructo social, pois são seus participantes, por meio das práticas nas quais se engajam, que as definem, e esses participantes desenvolvem padrões linguísticos na medida em que se engajam em atividades nas mais variadas comunidades que integram. Conforme Freitag (2013), o estudo em

comunidades de práticas permite ao pesquisador identificar como as variantes linguísticas assumem significado social, possibilitando estabelecer relação mais direta entre língua e significado do que em um estudo baseado em uma comunidade de fala, que, dado o seu delineamento, não permite controlar as relações estabelecidas entre os falantes e suas implicações na dinâmica linguística (FREITAG, 2013, p. 158-159).

² Whereas the first two waves viewed the meaning of variation as incidental fallout from social space, the third wave views it as an essential feature of language (ECKERT, 2012, p.94).

³ A community of practice develops ways of doing things, views, values, power relations, ways of talking. And the participants engage with these practices in virtue of their place in the community of practice, and of the place of the community of practice in the larger social order (ECKERT, 2006, p. 01).

Seguindo uma série de estudos envolvendo amostras linguísticas sergipanas, chancelados pelo Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012; FREITAG; SANTANA; ANDRADE; 2014; FREITAG et al., 2016, dentre outros), atribuímos a definição de comunidade de práticas ao espaço da Universidade Federal de Sergipe, uma vez que os indivíduos pertencentes a essa comunidade se reúnem continuamente em prol de objetivos comuns: servidores, funcionários e professores trabalham em prol da manutenção da estrutura e do conhecimento dos estudantes que por sua vez estão em busca da formação acadêmica. Neste sentido, além das práticas voltadas para o ensino, como assistir a aulas, apresentar trabalhos, fazer provas, os estudantes também desenvolvem práticas inerentes ao convívio coletivo no almoço, nos corredores em bares e lanchonetes, etc. Cada um desses indivíduos participa de comunidades de práticas diferentes dentro da própria universidade, e o seu estilo linguístico se molda de acordo com o papel social que exercem no interior de cada uma dessas comunidades e de suas crenças e atitudes em relação ao outro ou ao espaço. A participação em grupos de pesquisa, centros acadêmicos estudantis, trabalhos voluntários, práticas esportivas, estágios, dentre outras práticas, faz com que os estudantes alternem seus papéis sociais, de diversas maneiras, inclusive linguística. Do mesmo modo, afiliamos este estudo à terceira onda da Sociolinguística por entendermos que o uso linguístico é dinâmico e indexa as práticas. Ser universitário significa ter um comportamento linguístico esperado pela sociedade; assim, os traços linguísticos daquilo que se espera de um universitário são marcas indexicais de uma comunidade. Mas, até pouco tempo, ser universitário era privilégio para poucos.

A interiorização das universidades, a lei de cotas e o SiSU propiciaram uma multiplicidade de perfis sociais dentro das universidades, estudantes de zonas rurais e urbanas de vários estados do Brasil, e de classes socioeconômicas diferentes em um mesmo espaço de convivência, compartilhando práticas regionais, culturais e linguísticas.

1.2 A UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Esta subseção apresenta um panorama das políticas públicas para a democratização do acesso e permanência ao ensino superior, a partir de documentos norteadores, como o Relatório de democratização e expansão da educação superior; o Plano Nacional de Educação (PNE) e o Censo da Educação Superior, a fim de evidenciar as transformações no cenário das universidades, bem como o perfil do *novo aluno*. Baseamo-nos também nos trabalhos de Andrade (2017) e Jesus (2018), que sistematizam informações relativas à comunidade em questão.

1.2.1 Expansão da educação superior

Nos últimos 15 anos, as instituições federais de educação superior do Brasil passaram por transformações significativas no cenário de acesso e permanência de seus estudantes. Novas políticas públicas foram criadas com o intuito de reestruturar as instituições às condições necessárias para a ampliação desse acesso. Conforme Corcini e Boneti (2006, p.8), “políticas públicas são iniciativas de inclusão de grupos considerados excluídos, ou seja, a inclusão de afrodescendentes, de pessoas sem condições econômicas de arcar com a educação superior, de deficientes, indígenas e etc”. Nesse sentido, Andrade (2017) afirma que a história do Brasil mostra a falta de um acesso democrático à universidade, pois, desde os primeiros cursos ofertados nas instituições superiores, a oferta sempre esteve voltada para as elites. Desse modo, a instituição de políticas públicas de inclusão pôde atender a população de maneira democrática.

O relatório divulgado pela Secretaria de Educação Superior (SESu) sobre a democratização e expansão da educação superior no país, nos anos de 2003 a 2014, mostra que o Brasil tem desafios ligados à realidade dos países em desenvolvimento, como a desigualdade social, a má distribuição de renda e a baixa escolarização média da população, fatores que dificultam o acesso e permanência na universidade, e os princípios para melhorar essa situação estão relacionados à **expansão, qualidade e democratização**. Nesse documento, são apresentadas as políticas adotadas pelo Governo Federal, através do Ministério da Educação, entre os anos de 2003 e 2014. Dentre as ações apresentadas destacam-se, no quadro 1, as que correspondem ao ensino superior público.

Quadro 1: Democratização e expansão da educação superior Avanços 2003-2014 (BRASIL, 2014, p.27-28).

- Criação de 18 novas universidades federais;
- Criação de 173 campus de universidades federais em cidades do interior do país;
- Lançamento, em 2003, do Programa de Extensão Universitária (Proext);
- Criação, em 2004, do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes);
- Criação, em 2006, do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), que apoia universidades públicas a ofertar cursos na modalidade de educação a distância;
- Implantação, a partir de 2007, do Reuni;
- Implantação, em 2008, do Programa Institucional de bolsas de Iniciação à Docência (PIBID);
- Criação, em 2008, do Plano Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes), para estudantes das universidades federais.
- Criação, em 2013, do Programa de Bolsa Permanência para estudantes das universidades federais;
- Aprovação, em 2012, e implantação, a partir de 2013, da Lei das Cotas nas universidades federais, com previsão de reserva de no mínimo 50% das vagas, até 2016, para estudantes oriundos das escolas públicas de ensino médio;
- Lançamento, em 2014, do Programa Mais Cultura nas Universidades, que apoia projetos de arte e cultura propostos pelas universidades federais, com foco na inclusão social e no respeito à diversidade cultural.
- Democratização do acesso à universidade, com o uso dos resultados do Exame Nacional do Ensino

- Médio (ENEM) nos processos seletivos; e
- Expansão do ensino médico, com a criação de novas vagas e incentivo à realização de residência.

Podemos perceber que muitas ações foram implementadas em função da expansão das universidades para receber os alunos ingressos a partir de outras ações correspondentes ao novo acesso.

Um dos avanços representativos para a democratização da educação superior foi a implantação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Um dos objetivos do programa é dotar as instituições das condições necessárias para a ampliação do acesso e a permanência do aluno na educação superior. É ressaltado no documento de diretrizes gerais do programa que “o REUNI não preconiza a adoção de um modelo único para a graduação das universidades federais, já que ele assume como pressuposto tanto a necessidade de se respeitar a autonomia universitária, quanto a diversidade das instituições” (BRASIL, 2014, p.04).

O Plano Nacional de Educação, aprovado em 25 de junho de 2014 pela Lei nº 13.005, tem como meta 12 elevar a taxa bruta de matrícula na educação superior para 50% e a taxa líquida para 33% da população de 18 a 24 anos, garantindo a qualidade da oferta e expansão para, pelo menos, 40% das novas matrículas, no segmento público. A implementação dessas ações garantiu um aumento considerável no número de matrículas nas IES, mas o total de ingressantes não foi compatível com o de concluintes. De acordo com o Censo da Educação Superior de 2016, 2.985.644 alunos ingressaram em cursos de educação superior, e destes, 1.196.449 concluíram a graduação no mesmo ano. Embora haja essa grande diferença entre ingressos e egressos, as medidas tomadas pelo governo geraram grande impacto no número de novos estudantes nas universidades de diferentes lugares, com novas culturas e novos usos linguísticos.

O resultado do contato entre pessoas de diferentes lugares implica em variação e mudanças na língua, pois, como afirma Meyerhoff (2006, p.46, *tradução nossa*⁴), “um novo conjunto de falantes ajusta a variável de acordo com as necessidades sociais e linguísticas específicas da nova comunidade de fala”. Assim, podemos considerar que os estudantes de diferentes regiões, em contato com outra variedade, adaptam seu modo de falar de acordo com as necessidades que esse novo lugar exige. Meyerhoff (2006) se refere ao contato entre línguas em comunidades mais abrangentes; no caso dos estudantes, as exigências de ajustes

⁴ A new set of speakers tailor the variable to suit the specific social and linguistic needs of the new speech community.

da língua estão relacionadas não só à nova região, mas também ao local em que o contato acontece, a universidade, que prevê expectativas sociais quanto ao seu novo papel, o de universitário.

Dentre as ações executadas que mais contribuíram para a diversidade de contatos, destacamos o Sistema de Seleção Unificada (SiSU) e a Lei de Cotas, que possibilitaram a ampliação da diversidade regional, cultural e étnica nas instituições de ensino superior do Brasil.

1.2.1.1 Sistema de Seleção Unificada – SiSU

Instituído em janeiro de 2010, pela Portaria Normativa nº 2, o Sistema de Seleção Unificada (SiSU) é um sistema por meio do qual instituições públicas gratuitas de ensino superior ofertam vagas em cursos de graduação a estudantes, que são selecionados exclusivamente pelas notas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que a princípio foi criado para avaliar o desempenho da educação básica, mas em 2009, foi reformulado e passou a ser utilizado também como mecanismo de seleção para o ingresso a universidades públicas.

Estudantes de diferentes regiões podem ser selecionados pelo SiSU com a nota do ENEM em cursos nas instituições participantes do processo de seleção unificada em todo Brasil (BRASIL, 2014). Essa ação contribuiu para a democratização das oportunidades de acesso ao ensino superior, e, por conseguinte, promoveu a mobilidade estudantil, ponto que nos interessa nesta pesquisa.

1.2.1.2 A Lei de Cotas

A Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012) foi outra ação para reestruturação democrática do acesso a instituições de ensino superior no Brasil, com a finalidade de mudar a realidade de pessoas historicamente inferiorizadas na sociedade. A lei sancionada em 2012 previa que até 2016 todas as instituições de ensino superior deveriam ter 50% de suas vagas reservadas a estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas, com renda mensal de 1,5 salários mínimos per capita, autodeclarados pretos pardos e indígenas.

Ações afirmativas como esta estão relacionadas à criação de políticas que promovem equilíbrio no acesso à educação, rompendo a herança de exclusão e preconceito que se mantém na sociedade brasileira.

A expansão das universidades atraiu novos alunos de diferentes regiões, com variedades linguísticas bem distintas e o contato entre eles provoca variação no sentido de acomodar sua variedade à da nova região para uma comunicação diferente, mas mutuamente

compreensível. Meyerhoff (2006) afirma que a variação pode ser vista como o resultado de alguma forma de contato entre diferentes indivíduos ou membros de diferentes grupos. Portanto, o contato entre pessoas de diferentes lugares, como é o caso dos estudantes da UFS, propicia a variação linguística, à medida que estes estudantes tentam moldar o seu estilo e variedade para pertencerem ao novo local.

1.2.2 O “novo aluno”

As mudanças na política de acesso à educação superior foram de essencial importância para o avanço da democratização universitária, levando um novo perfil de estudantes para as universidades. Sobre o perfil do “novo aluno”, Brito et al. (2008) afirmam que, em função dessas mudanças, as instituições de ensino superior passaram a atender, majoritariamente, um “novo aluno”, oriundo de uma realidade social que até recentemente não tinha acesso a este nível de ensino. Segundo Andrade (2018),

A nova política pública para o acesso às vagas, promovida pelo Reuni, se materializa a partir do ideal de democratização do acesso, esse se daria por meio da nacionalização da prova, uma vez que os alunos poderiam concorrer, com uma única nota, a vagas de qualquer universidade pública do país inscrita no sistema de seleção. Além disso, outros objetivos da política são a reestruturação curricular do ensino médio e a mobilidade estudantil. (ANDRADE, 2018, p. 5).

Na Universidade Federal de Sergipe, a efetivação de políticas públicas como o REUNI e a mudança do processo de seleção (que antes era feito pela Fundação Carlos Chagas e atualmente se dá pelo SiSU, através do ENEM), bem como a Lei de Cotas, levou à ampliação no número de matrículas de estudantes que vêm de todo o estado de Sergipe e de muitos estados do Brasil. Antes disso, o acesso à UFS era predominante pelo perfil de estudantes que Brito et al. (2008) chamam de “aluno clássico”, aqueles que tinham condição socioeconômica para estudar em escolas particulares e garantir sua vaga, principalmente, quem morava nas redondezas da universidade, que, no caso da UFS, era circunscrita à Grande Aracaju. Somente a partir de 2006 é que a expansão e interiorização levam a UFS ao interior, com Itabaiana (e posteriormente, Laranjeiras, Lagarto e Nossa Senhora da Glória).

A implementação dessas políticas possibilitou o ingresso de alunos oriundos de escolas públicas e de baixa renda que antes não tinham acesso à Universidade. Os dados mais recentes, apresentados no Anuário Estatístico da UFS – 2014 a 2016, informam uma quantidade de 16.482 alunos matriculados no campus de São Cristóvão, muitos deles vindos de outros estados e do interior de Sergipe.⁵

⁵ A expansão e a inclusão do perfil de novo aluno na Universidade Federal de Sergipe tem trazido consequências que podem ser relacionadas à diversidade linguística, em diferentes níveis. O projeto “Como fala, lê e

O campus de São Cristóvão dispõe de um restaurante universitário, o RESUN, local onde muitos dos alunos costumam almoçar e jantar. Para os que não comem nesse restaurante, há muitas opções nos arredores da universidade. Outra é o “Moura”, lanchonete e restaurante que fica dentro do campus e é muito frequentada pelos acadêmicos da UFS. O Bairro Rosa Elze é o local onde reside muitos dos estudantes advindos de outros municípios e estados. Menezes (2011) afirma que a demanda de casas de aluguel, quitinetes, e condomínios é cada vez mais crescente neste bairro, em virtude da expansão da Universidade, bem como do número de cursos ofertados. Um dos motivos de estes alunos preferirem morar no Roza Elze é a proximidade com a universidade, já que esta fica situada nesse bairro, facilitando o percurso entre a moradia e a universidade, que pode ser feito a pé. Para os que residem na região da Grande Aracaju, o transporte é feito pelo Sindicato das Empresas de Transportes de Passageiros do Município de Aracaju (Setransp); além disso, há muitas vans escolares, que são fretadas para transportar os estudantes da capital entre a UFS e os bairros. Os alunos que são do interior do estado e fazem deslocamento pendular para a UFS dependem de ônibus de associações comunitárias ou pagos pelas prefeituras dos municípios. Estes aspectos de deslocamento e a mobilidade geográfica dos estudantes podem dar pistas de seu engajamento na comunidade de práticas e a dinâmica dos contatos linguísticos e a convergência/divergência da acomodação à comunicação.

1.3 MOBILIDADE GEOGRÁFICA E CONTATOS LINGUÍSTICOS NA COMUNIDADE DE PRÁTICAS

Nessa subseção, apresentamos uma proposta para sistematizar os deslocamentos realizados por universitários da UFS, com base em critérios adotados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e relacionamos ao conceito de contato linguístico, estabelecendo sua relação com a comunidade universitária estudada.

1.3.1 Deslocamentos geográficos

Como já explicitamos, a Universidade Federal de Sergipe está situada no bairro Rosa Elze, que pertence ao município de São Cristóvão. No entanto, o bairro fica a cerca de 14km

escreve o universitário”, coordenado pela profª. Raquel Meister Ko. Freitag, e vinculado ao programa de assistência estudantil da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal de Sergipe, é uma ação de educação tutorial que visa ofertar oficinas de leitura e escrita acadêmica para reduzir assimetrias linguísticas apresentadas por esse novo perfil de aluno, em relação ao que era apresentado pelo “aluno clássico”, haja vista os resultados de reprovação e a constante reclamação de professores de que os alunos não sabem ler.

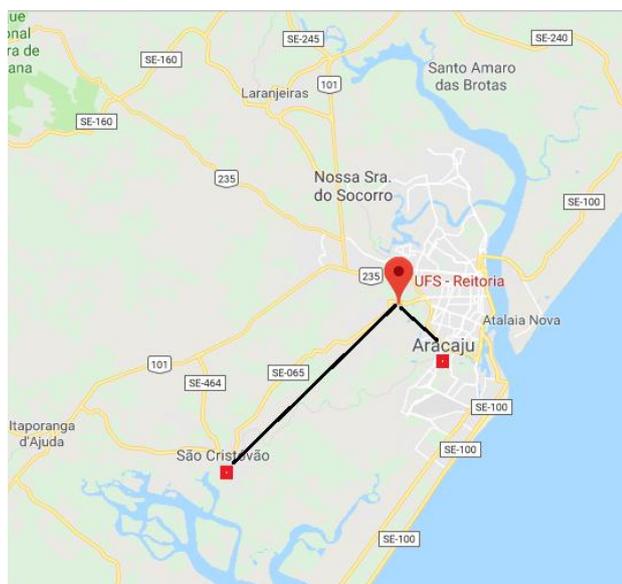
da sede do município, estando, assim, mais próxima do centro da capital do estado, Aracaju (4km), figuras 1 e 2.

Figura 1: Mapa de Sergipe.



Fonte: <https://www.estadosecapitaisdobrasil.com>

Figura 2: Localização da UFS em relação ao centro de São Cristóvão e a Aracaju.



Fonte: Google maps

A implantação da cidade universitária da Universidade Federal de Sergipe se deu na década de 1980, ápice das transformações urbanas dessa região (MENEZES, 2011); as novas aglomerações, que surgiram no entorno do bairro Rosa Elze, possibilitaram uma dinâmica urbana completamente diferenciada do município de São Cristóvão: o bairro está inserido em perímetro urbano, porém, completamente destacado da área urbana da sede, e muito mais ligado à região periférica de Aracaju.

Com a fundação da UFS, esse bairro foi ganhando novos moradores e cada vez mais se expandindo, pois muitos alunos oriundos do interior do estado e de fora dele precisaram migrar para a região metropolitana de Aracaju a fim de ficarem mais próximos do local de estudo. Menezes (2011) ressalta que a implementação da UFS e da política nacional de habitação aumentou consideravelmente a população do bairro Rosa Elze, aumentando, conseqüentemente, a necessidade de infraestrutura urbana. Hoje, além de abrigar os antigos moradores, o bairro Rosa Elze também é o principal espaço de moradia para os estudantes que se deslocam do interior do estado ou de outros estados para estudar na UFS. Essa diversificação promoveu transformações no âmbito social, cultural e linguístico; no âmbito social, o aumento da população ampliou a demanda por serviços de infraestrutura nos espaços que atendem a esses novos habitantes. Os avanços sociais se refletem na cultura, e a universidade é um lugar propício para a difusão dessas manifestações.

Mas nem todos os estudantes da UFS moram no bairro Rosa Elze. Uma consequência da expansão da educação superior, como vimos, é a mobilidade, traduzida em termos de deslocamentos geográficos: para estudar, esses alunos precisam se deslocar, de diferentes maneiras. Consideraremos as definições de migração e deslocamentos a partir do relatório de *Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil*, apresentado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O termo migração é definido por Lee (1980) como ato de mudar-se de sua residência de forma permanente ou semipermanente, sem limitações a respeito da distância ou natureza do deslocamento, como também a respeito da distinção entre migração interna ou externa. Isto é, o ato de se deslocar da residência em virtude de qualquer interesse sem distinção de tempo ou limite.

O comportamento da mobilidade espacial da população brasileira sofreu importantes transformações, principalmente nos últimos 30 anos. “Aqueles movimentos que tinham, de um modo geral, como características básicas migração para os grandes centros, passaram a ter como destino as cidades médias e serem cada vez mais de curta duração” (BRASIL, 2011, p.71). Essas transformações são decorrentes dos deslocamentos pendulares, que ganham cada vez mais importância, deixando de ser um fenômeno meramente metropolitano. Este tipo de deslocamento refere-se ao percurso entre a residência e local de trabalho ou estudo no contexto diário, semanal e mensal. No quadro 2, apresentamos os tipos de deslocamentos feitos pelos estudantes da UFS, como resultado do novo acesso à universidade.

Quadro 2: Tipos de deslocamentos dos Universitários da UFS.

Pendularidade	<ul style="list-style-type: none"> • Os estudantes que moram na Grande Aracaju⁶, que vão e voltam dos seus bairros para a universidade todos os dias; • Interior → capital: os estudantes que vêm de municípios do interior diariamente; • Os estudantes que são do interior, mas passam a semana na capital e voltam para os seus municípios no fim de semana.
Migração interna: interior → capital	<ul style="list-style-type: none"> • Os estudantes que migram para capital no período de graduação, mas que, quando se formam, retornam ao município de origem, ou a outro município, sem permanecem na capital.
Migração externa: interestadual	<ul style="list-style-type: none"> • Alunos oriundos de outros estados também vêm para ficar apenas pelo período de formação acadêmica, mas voltam para os seus estados de origem ou para outro estado depois do término da graduação.
Migração: permanente	<ul style="list-style-type: none"> • Alunos do interior e outros estados, principalmente de áreas mais rurais, que vêm para capital e permanecem mesmo depois de terem se formado.

Os termos “pendularidade”, “migração interna” e “migração permanente” referem-se aos tipos de deslocamentos dos estudantes da Universidade Federal de Sergipe com base nos conceitos e noções de deslocamentos adotados pelo censo demográfico do IBGE (2010) e no relatório, também do IBGE, *Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil*, organizado por Oliveira e Oliveira (2011).

No roteiro de entrevista sociolinguística que norteou a coleta de dados (que será devidamente explicitada na seção 4), havia perguntas relacionadas à mobilidade dos estudantes e suas intenções de permanência ou mudança. Destacamos que, dentre os motivos de muitos estudantes virem morar em Aracaju, estão a distância entre os municípios e o fato de alguns destes não possuírem programas de transporte para fazer seu deslocamento até a universidade, assim, muitos precisam mudar-se para a capital. Já para quem faz este trajeto de ida e volta todos os dias (deslocamento pendular), o transporte é feito, geralmente, por

⁶ Estamos considerando a capital como Aracaju e sua região metropolitana: Nossa Senhora do Socorro, São Cristóvão e Barra dos coqueiros, que dispõem do mesmo sistema de transporte (Setransp – Sindicato das Empresas de Transportes de Passageiros do Município de Aracaju).

associações de transporte universitário, como é o caso dos municípios de Itabaiana e Lagarto, ou com o apoio das prefeituras municipais, como os municípios de Capela e Laranjeiras.

Para os de fora do estado, a única solução é a migração: estudantes que vieram de fora do estado relataram que um dos principais motivos de terem optado por um curso na UFS foi o fato de o custo de vida em Aracaju ser mais barato do que nas imediações das instituições de ensino superior de sua região, ou pela oferta de vagas para o curso desejado.

Outro fator importante é que a UFS, assim como outras instituições federais de ensino superior, tem programas de assistência estudantil, que oferta bolsas residências para alunos de baixa renda, o que possibilita a moradia na capital. Também é muito comum o convívio em repúblicas estudantis custeadas com recursos dos próprios estudantes, principalmente os advindos de outros estados.

1.3.2 Contatos linguísticos

A convivência entre pessoas de diferentes variedades linguísticas é chamada de contato linguístico, e esse contato promove variação e mudança de modo a satisfazer as necessidades de convívio linguístico, ou seja, para que os indivíduos possam se inserir em um local comum (região de contato), eles precisam se adequar uns aos outros, deixando de lado marcas linguísticas que possam causar estranhamento ou conflito. Contudo, Meyerhoff (2006) afirma que os estudos que tratam do contato linguístico focam no contato entre idiomas; em contrapartida poucos são os pesquisadores que trabalham ativamente no contato entre variedades de uma mesma língua.

Bortoni-Ricardo (2004) propõe uma distinção relacionada a diferenças do português brasileiro em função de fatores estruturais como a dicotomia rural/urbano, a região geográfica, rede de relações sociais, e de fatores funcionais como grau de formalidade e registros. A autora considera o português brasileiro como um *continuum* de urbanização, que se estende desde as variedades rurais mais isoladas até a variedade urbana culta, podendo situar o falante em qualquer ponto na extensão deste *continuum*. Desse modo, os falantes de diferentes regiões, que dominam o mesmo português brasileiro, cada um com suas especificidades, podem conviver em um determinado local sem prejuízo na comunicação, por conta da acomodação a este espaço, levando em consideração as marcas linguísticas regionais e as exigências estilísticas desse novo espaço.

Um traço linguístico que é característico da fala de pessoas que vivem em zonas rurais e sem alto grau de escolarização, quando em contato com a comunidade de práticas da universidade, pode ser estigmatizado, pois a universidade é um espaço que exige formas

linguísticas que se aproximem da norma linguística padrão, que, conforme Faraco (2008, p. 75), “é uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência [...] a projetos políticos de uniformização linguística”. Assim, as formas desprestigiadas não são bem aceitas nesse ambiente. Mas os falantes, mesmo nessa comunidade de práticas, conservam o vernáculo da comunidade de origem e formas tidas como estigmatizadas podem emergir em contextos específicos, mesmo em um ambiente que preze por traços linguísticos da variedade que é predominante nesta comunidade de práticas. Como afirma Bortoni-Ricardo (2004), a comunicação entre pessoas de diferentes variedades linguísticas se dá sem prejuízo na compreensão pelo fato de os falantes adaptarem seu repertório ao contexto em que estão inseridos. Essa adaptação pode ser vista como estratégias de acomodação linguística, como veremos na próxima seção.

2 TEORIA DA ACOMODAÇÃO E A VARIAÇÃO EM ~ NI

O objetivo desta seção é apresentar um aporte teórico que permita descrever a variação entre preposições locativas *em ~ ni* quanto à produção e percepção linguística, com base na Teoria de Acomodação à Comunicação (GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991). Apresentamos os conceitos convergência e divergência atrelada às dimensões objetivas e subjetivas da acomodação, bem como os conceitos de indicadores, marcadores e estereótipos atrelados à consciência social, segundo Labov (2008[1972]). Contextualizamos o fenômeno linguístico estudado, descrevendo, com base em estudos anteriores, hipóteses para a origem da forma inovadora, sua regularização morfológica atrelada a processos morfofonêmicos, e padrões de uso; apresentamos, ainda indícios de percepção dos padrões de uso das preposições locativas *em~ni* em tratamento societal.

2.1 TEORIA DA ACOMODAÇÃO À COMUNICAÇÃO

A acomodação linguística é considerada como um conjunto de estratégias disponíveis aos falantes nas interações face a face, que podem caracterizar realinhamentos de padrões de códigos ou seleção de linguagens, relacionados às crenças, atitudes e condições socioestruturais subjacentes (GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991). Ou seja, a acomodação dá-se pelo processo de realinhamento de padrões de seleção de código linguístico em função das crenças, atitudes e do contexto social, de modo que o falante pode adaptar ou não a sua fala levando em consideração as características do ouvinte a fim de obter a solidariedade ou a dissociação do interlocutor.

As pesquisas sobre acomodação são fundamentadas na psicologia e se baseiam em experimentos controlados com estudos observacionais em amplos contextos da sociedade. Podemos citar alguns estudos que usaram a teoria da acomodação à comunicação feitos no Brasil. Chacon (2012) descreveu, em uma pesquisa experimental, a palatalização de /S/ em coda medial no contato de paulistas com pessoenses. Dez informantes paulistas foram selecionados quanto a três faixas etárias. O critério era morarem pelo menos há um ano em João Pessoa. A autora controlou estilo, com a leitura de mini textos contendo o contexto para a ocorrência do fenômeno, entrevista sociolinguística e atitudes linguísticas. Os resultados evidenciaram pouca aplicação da palatalização por parte dos paulistas, embora o tempo de exposição, a idade e a naturalidade dos pais tenham favorecido, de certa forma, a

convergência ao dialeto pessoense; as atitudes dos paulistanos foram de solidariedade em relação ao seu próprio dialeto, divergindo do de João Pessoa.

Martins (2008) investigou os indícios de acomodação linguística em migrantes paraibanos residentes no Rio de Janeiro. Neste estudo a autora verificou em análise quantitativa e qualitativa o favorecimento da acomodação pela variação na palatalização de /t/ e /d/ que na Paraíba tem realização oclusiva e no Rio de Janeiro, africada. Os resultados quantitativos mostraram que as ocorrências da realização africada foram de 64%, indicando um favorecimento desse uso e conseqüentemente a convergência, dos sete informantes pesquisados, os que mais se acomodaram foram os jovens mais comunicativos e que tinham mais contato com os cariocas.

Um estudo que pesquisou a acomodação de sete paraibanos residentes em Recife foi o de Lima e Lucena (2013), que analisou a realização da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica. Esse segmento marca a diferenciação entre os dois dialetos. O tempo de convivência, o contato diuturno com falantes recifenses e a frequência de visitas à Paraíba mostraram-se favoráveis à convergência dos paraibanos ao dialeto recifense. Também foram coletados dados de atitudes linguísticas positivas e negativas em relação aos dois dialetos, a fim de associá-las às ocorrências do segmento palatal em posição de coda e evidenciar uma possível influência para a acomodação. Embora as variáveis sociais tenham sido as que mais afetaram o processo de acomodação, as atitudes positivas em relação ao novo dialeto mostraram-se um catalisador para a acomodação dialetal.

Silva (2016) analisou os efeitos resultantes da variação nos marcadores discursivos *entendeu?*, *sabe?* e *viu?* no processo de acomodação linguística em interações entre estudantes do ensino médio de Aracaju, Sergipe. A alternância nestas formas associada ao assunto discutido entre os interactantes pode indicar um comportamento de acomodação de um falante em relação ao seu interlocutor. O marcador interacional *sabe?* teve percentual de 100% das ocorrências na abordagem do assunto saúde, indicando convergência entre os interactantes. Já o marcador *entendeu?* mostrou-se divergente no assunto política, pois ao discorrer sobre este tópico, nem sempre foi possível atender às expectativas do ouvinte, pelo fato de o tema recair em questões mais impositivas. Esse é um exemplo de estudo que usa a teoria da acomodação com adolescentes em pares, diferente dos citados acima que se referem à migrantes.

Os estudos apresentados acima podem nos dar pista de acomodação dialetal de migrantes em contato com variedades diferentes das suas, mas deve-se ter atenção às

diferenças entre os falantes migrantes, pois sua identidade e percepção podem influenciar as estratégias de acomodação.

Conforme Giles, Coupland e Coupland (1991, p.04, *tradução nossa*), a teoria da acomodação apresenta um paradigma bem desenvolvido capaz de explicar:

- (1) consequências sociais (atitudinais, atribucionais, comportamentais e comunicativas), (2) fatores ideológicos e macro-sociais. (3) variáveis e processos intergrupais, (4) práticas discursivas em contextos naturalistas e (5) vida individual e mudanças de linguagem de grupo⁷.

As estratégias básicas da teoria de acomodação que explicam o realinhamento do código linguístico estão associadas à convergência e divergência. A convergência caracteriza-se como uma estratégia pela qual os falantes se adaptam aos comportamentos comunicativos na dimensão verbal (fala, prosódia, extensão vocal, dentre outros) e não verbais (movimentos corporais, sorrisos, olhares, etc.). Já a divergência refere-se ao modo como os falantes acentuam na fala as diferenças verbais e não verbais entre si e os outros (GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991). Em outras palavras, a convergência acontece quando o falante realinha sua fala de modo a cooperar com o interlocutor e a divergência é uma forma de dissociação, distanciamento na qual cada falante da relação mantém seu falar acentuado sem a intenção de aproximar.

Essas estratégias podem ser vistas como processo, pois os falantes podem convergir e, também, divergir em uma determinada situação. Por exemplo, dois falantes de variedades dialetais distintas conversam e cada um mantém seu repertório linguístico, estando então em um processo de divergência, mas, em determinado momento, um dos falantes acomoda-se ao repertório do seu interlocutor, utilizando algum traço linguístico seu, assim acontece a convergência. Já se, em uma conversa, os interlocutores mantêm-se cada um em seu repertório, sem mudanças um em relação ao outro, acontece a divergência, que, conforme Giles, Coupland e Coupland (1991), é uma estratégia do falante para manter a identidade pessoal ou de grupo.

As estratégias de convergência e divergência têm características diferentes e podem acontecer dentro de grupo (*in group*) ou fora de grupo (*out group*). Um falante pode acomodar-se de maneira convergente em um grupo e divergente fora desse grupo e essas estratégias podem acontecer “de cima para baixo” e “de baixo para cima”. A convergência “de cima para baixo” é um realinhamento no padrão de escolha de código linguístico a um

⁷ (1) social consequences (attitudinal, attributional, behavioral, and communicative), (2) ideological and macro-societal factors, (3) intergroup variables and processes, (4) discursive practices in naturalistic settings, and (5) individual life span and group-language shifts (GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991, p.04).

padrão de menor prestígio, ou seja, uma alternância em direção a uma variedade ou a formas menos valorizadas ou mais estigmatizadas. Já a convergência “de baixo para cima” corresponde ao realinhamento do código linguístico ao padrão da variedade consensualmente de prestígio. Assim, quando o falante muda seu repertório para relacionar-se com grupos minoritários e menos prestigiados, como comunidades periféricas, ele está convergindo “de cima para baixo” e quando adapta sua fala à variedade de grupos de prestígio, como em centros universitários, trata-se de uma alternância de baixo para cima (GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991).

Os autores apontam que a convergência não acontece de forma total, ou seja, os falantes não aderem a todas as variáveis e níveis de uma variedade linguística. Desse modo, o que acontece são convergências unimodais e multimodais, sendo a primeira correspondente ao baixo nível de alternância e em poucas variáveis e a segunda referente à alternância em muitas variáveis e em alto nível. Os autores destacam que as estratégias de convergência e divergência não podem ser consideradas mutuamente exclusivas e sim processuais, pois a teoria considera a convergência de algumas características como igualada à divergência simultânea de outras. Todavia, em termos de idioma, a convergência pode acontecer em nível lexical, quando o falante, ao acomodar-se à fala do interlocutor de outro idioma, aumenta gradativamente a taxa de palavras do novo idioma à medida que interage. Esse processo também pode ocorrer em nível de variedades dialetais, como nos fenômenos fonológicos e gramaticais citados anteriormente. (SILVA, 2016; LIMA; LUCENA, 2013; MARTINS, 2008; CHACON 2012).

Nos interessa, no entanto, a interação entre o código linguístico, o social e o psicológico, o que, na teoria da acomodação na comunicação, é estabelecido pela relação entre as estratégias de convergência e divergência com as dimensões objetivas e subjetivas. Conforme propõem Giles, Coupland e Coupland (1991), a dimensão objetiva refere-se às alternâncias entre divergência e convergência propriamente ditas, ao quanto o falante acomoda sua fala independentemente do tipo de estratégia que ele usa. Já a dimensão subjetiva está relacionada às crenças e atitudes dos falantes em relação a essas estratégias. O quadro 3 apresenta os quatro níveis de convergência e divergência que são possíveis nessas dimensões.

Quadro 3: Dimensões da acomodação subjetiva e objetiva da fala

		Acomodação subjetiva	
		Convergência	Divergência
Acomodação	Convergência	A	B
Objetiva	Divergência	C	D

Fonte: Thakerar et al. (1982 *apud* GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991, p.15, *tradução nossa*).

As letras A e D correspondem aos níveis nos quais os falantes acreditam que subjetivamente estão convergindo (A) ou divergindo (D) e realmente estão. Neste caso, A e D são correlacionados e, segundo Meyerhoff (2006), quando as dimensões objetivas e subjetivas das estratégias coincidem é bastante fácil para o pesquisador aferir as atitudes dos falantes como uma explicação para o comportamento observado. No caso das letras B e C, há uma discrepância, pois o que os falantes fazem objetivamente não corresponde ao que verdadeiramente acontece. Em (B) o falante acredita estar divergindo e em (C) o falante acredita estar convergindo, mas o que objetivamente acontece não é o que eles acreditam.

Daveluy (2008) afirma, que para avaliar a dinâmica da língua, é preciso mudar a perspectiva de uma análise em comunidades abrangentes para a análise do relacionamento entre grupos. A autora pesquisou um traço linguísticos de frequência relativamente baixa na fala de informantes pertencentes a dois grupos de trabalhadores com mobilidade geográfica na região do Canadá francófono: trabalhadores transitórios que vão e voltam ao seu local de trabalho e militares realocados em intervalos regulares. A variante *vous* foi analisada: no Quebec pode-se escolher entre *tu* e *vous* ao se dirigir a um estranho, porém, a forma *tu* é muito mais frequente nessa região, a ponto de ser percebida como uma característica típica da variedade linguística. Por conta disso, a autora deteve-se a analisar a variante *vous*, por ser considerada rara na fala dos moradores de Quebec. Daveluy (2008) percebeu que, para ajustar-se às normas de interação da região, os trabalhadores precisavam adaptar-se à comunidade linguística em que se encontravam, focalizando a variante *vous*, pois essa forma, segundo a autora, tinha impacto estilístico, e, desempenhava papel importante na identificação do falante. O impacto estilístico a qual a autora se refere está relacionado ao que Labov (2008 [1972]) chama de grau de consciência social dos falantes em relação a determinadas formas linguísticas; essa consciência é medida pela percepção dessas formas o que influencia no processo de mudança.

Em relação à consciência social podemos considerar três tipos de variantes: os *indicadores, marcadores e estereótipos*. Estes são de fundamental importância para o estudo da alternância de estilo atrelado ao grau de monitoramento da fala.

Os indicadores têm pouca força avaliativa e nenhum padrão de alternância estilística, mas exibem diferenciação social de acordo com a idade e região. Os marcadores exibem estratificação estilística e social, mas podem estar abaixo do nível de consciência do falante, podendo ser medianamente avaliada socialmente em testes de reação subjetiva. Os estereótipos são traços linguísticos que representam indivíduos ou grupos de indivíduos de contextos específicos, são fortemente avaliados pela sociedade, mas podem simbolizar um índice de pertencimento social, regional, sexual, etc. Esse tipo de traço é geralmente evitado em situações que prezam pela formalidade e está acima do nível de consciência do falante (LABOV 2008[1972]). Enquadramos a variante *ni* no tipo de variante marcador por sofrer variação estilística e parecer estar abaixo do nível de consciência do falante.

Para fins de nosso estudo, relacionamos a proposta de convergência e divergência e às dimensões objetivas e subjetivas aos estudos de produção e de percepção na sociolinguística, como propõem Freitag et al. (2016), como detalharemos mais à frente.

2.2 CARACTERIZAÇÃO E USO DA VARIANTE *NI*

Nessa subseção, apresentamos a caracterização da variação nas preposições locativas *em ~ ni* por meio de estudos anteriores sobre o fenômeno. Não há uma explicação consensual para a origem da variante *ni*. De acordo com Castilho (2010), a origem de *ni* no português brasileiro está relacionada aos contatos entre línguas e acomodações morfológicas.

2.2.1 Regularização morfológica

Castilho (2010) propõe que *ni* é resultado de uma regularização morfológica de *em*, correspondente à terceira etapa da gramaticalização das preposições. O critério de gramaticalização atinge as preposições simples, e a primeira etapa se refere à recategorização de outras classes, quando palavras de outras classes passam a ser preposição: numeral ordinal > preposição “**segundo** as testemunhas, o ladrão teria saltado o muro”. A segunda etapa é a regramaticalização das preposições, quando preposições simples se juntam a outras preposições pela necessidade de clareza na representação do espaço: *des de + ex* do português arcaico e *desde des + de* do português moderno. A terceira etapa a que nos interessa é referente ao desaparecimento das preposições. Novas formas aparecem e convivem, podendo,

uma ser substituída pela outra, os casos mais comuns de substituição de preposições, segundo o autor, são: *a* por *em* ou *para*; *em* por *ni*; *de* por *desde*; *ante* por *diante*; *após* por *depois*. No caso de *em* e *ni*, “a preposição *em* dispõe de uma forma base, o ditongo nasal [ey] e das formas amalgamadas *no*, *na*, *num*, *numa*, de que *ni* representa uma sorte neutralização da categoria de gênero”. (CASTILHO, 2010, p. 590). Ou seja, as formas amalgamadas se referem aos gêneros masculino e feminino; a forma *ni*, por influência das formas amalgamadas, representaria um gênero gramatical neutro.

Para explicar a fonologização e morfologização das preposições, Kewitz et. al. (2018) classificam-nas em leves e pesadas, sendo as leves monossílabos livres de acento e dependentes fonologicamente de outras palavras, como *a* e *de*. Já as pesadas são os monossílabos tônicos, como *sem* e *trás*, e dissílabos com acento na primeira ou na segunda sílaba, como *sobre*, *entre*, *após*, *atrás*. Os autores defendem que *em* seria uma preposição pesada pela presença de coda e do arquifonema nasal /N/; essa nasalidade provocaria uma compressão fonológica do *em* ditongo nasal, para *na* e *no*, monossílabos leves de constituição CV.

A contração da preposição com o artigo é conhecida na literatura como amálgama (fusão de formas dependentes, ou seja, clíticos) e igualmente se aplica às preposições *a*, *de*, e *por*, levando a formas autônomas que, por sua constituição morfológica, parecem sofrer flexão nominal, por se assemelharem a substantivos e adjetivos que variam em gênero e número (p. ex., *aos*, *das*, *pela*, *nos*). (KEWITZ et. al. 2018, p. 350)

O processo de amálgama das preposições acontece por pressões fonológicas e morfológicas, como descrito em Kewitz, et. al. (2018), constituindo novas preposições, que podem variar com as já existentes pelo processo de gramaticalização, como apresentado por Castilho (2012).

Para Kewitz, et. al. (2018), o processo de amálgama dá-se pelo mecanismo de *chunking*, que, segundo Bybee (2016, p. 64), “é um processo que influencia todos os sistemas cognitivos, com base na organização da memória”. O *chunking* acontece quando dois ou mais *chunks* ocorrem com frequência; neste caso há a formação de um *chunks* maior contendo os menores. Assim, a preposição *em* configura-se como uma preposição monossilábica pesada, mas passa a ser leve por constituir amálgamas em função da frequência com a qual é usada junto aos artigos, o que acontece com outras preposições mais gramaticalizadas. A partir de processos morfofonológicos, a preposição *em* forma *ni*, pelo mesmo processo pelo qual constituem-se as contrações. Para os autores, a forma *ni*

é constituída em conformidade com um esquema em que o gênero, indicado pelo artigo, determina a contração resultante. Logo, se a palavra seguinte é do gênero

feminino, o resultado é *na*; caso seja do gênero masculino, o amálgama é *no*. Por fim se a forma seguinte não apresenta gênero o resultado é *ni*. (KEWITZ, et. al. 2018, p. 357)

Os exemplos abaixo, foram extraídos dos corpora do PHPB e PHPP (KEWITZ, et. al. 2018, p. 358), e mostram o *ni* presente em textos antigos e em registros de fala mais atuais, o primeiro representa uma cantiga arcaica o segundo e o terceiro uma amostra de fala extraída da internet para compor o banco de dados do PHPP.

- (1) Pinga **na** casa, **na** parede, **na** porta
Pinga **no** telhado, **no** muro, **no** carro
Pinga **ni** mim, **ni** você, **ni** todo mundo
- (2) i hoji a genti vevi **numa** vida assim... difici **nuns** pontu i fá/ mais mió **ni** otrus né?
- (3) di animal tamém a genti cuidava a genti montava **ni** animal... e ia **na** cidade di animal

O primeiro exemplo apresenta os resultados da junção da preposição *em* com os artigos definidos *o* para masculino e *a* para feminino, constituindo preposições leves para se referir aos gêneros; da mesma forma, o *ni* aparece como resultado de referência a um gênero neutro, introduzindo adjuntos adverbiais *ni mim*, *ni você*, *ni todo mundo*, e substituindo com regularidade o *em*. Já o segundo exemplo evidencia uma fala espontânea; neste caso, *ni* também substitui a preposição *em* em seus contextos de uso.

Os autores consideram que a preposição *em* constitui a forma *ni* por metátese, processo fonológico decorrente de estudos diacrônicos que, segundo Cavaliere (2005), consiste na troca de posição de um fonema para melhor acomodação eufônica, como, por exemplo, *estrupe* por *estupro*. No caso da preposição *em* em análise, a transformação do vocábulo original *em* para a forma *ni* é mais radical, provavelmente ocasionado pelas transformações anteriores dos amálgamas *na* e *no*, com base na premissa de que a nasalidade, no português, é consonantal – arquifonema /N/, segundo Câmara Júnior (1960) – que migra da posição de coda para o ataque silábico.

Assim, pode-se assumir que *em* passe por processo de regularização morfofonêmica. A morfofonêmica, segundo Câmara Júnior (1960), consiste no estudo de juntura das variantes posicionais das formas linguísticas; essa juntura pode acontecer tanto no interior de um vocábulo quanto de vocábulo para vocábulo no interior de uma frase, isto é, as formas linguísticas mudam por influência de níveis morfológicos e morfêmicos, e essas transformações podem acontecer tanto em um mesmo vocábulo, quanto em vocábulos diferentes em uma mesma frase. Os vocábulos que eram fonologicamente distintos passam a

ser, no nível fonológico, um único elemento, podendo ser explicados do ponto de vista sincrônico, mas as causas dessas transformações são de base diacrônica.

O autor apresenta um exemplo de juntura por influência fonológica: o *sândi*, que pode ser interno ou externo. O *sândi* interno acontece dentro de um mesmo vocábulo, como em *leio* para *le + o*; o *sândi* externo acontece de um vocábulo para outro dentro de uma mesma frase, *olhos azuis /ól'uzazíys/*, sem registro na escrita, somente na fala. Esses processos ganham regularidade na língua, como no caso das junções de pronome com conjunções e preposições com artigos, de modo que vocábulos em contato generalizam para todas as posições e se integram na mesma forma do vocábulo. Outro processo morfonofêmico é o da haplologia, que ocorre entre duas sílabas iguais em contato, em que uma sílaba é suprimida do vocábulo como em *semimínia* -> *semínima*; *idololatra* -> *idólatra*.

É possível entender a juntura de preposições com artigos por processo morfonofêmico de *sândi interno*: em dois vocábulos usados juntos com frequência (preposição + artigo), o primeiro (*em*) constitui outro (*no*) com as exigências morfológicas pertencentes ao segundo (*o*). Mas não é só com artigos definidos que a preposição *em* pode constituir amálgamas: Kleppa (2005) apresenta as possibilidades de amálgamas das preposições mais gramaticalizadas: *em* também pode ser amalgamada a pronomes indefinidos *um, uma* -> *num, numa*; pronomes pessoais do caso reto *ele(s)/ela(s)* -> *nele(s)/nela(s)*; demonstrativos *isto* -> *nisto, aquilo* -> *naquilo*; e pronomes indefinidos variáveis iniciados por vogal *algum* -> *nalgum*. A preposição *em* se junta a estes vocábulos e necessariamente combina-se ao gênero do sintagma nominal que é introduzido por eles; a forma *ni*, por sua vez, é resultado de regularização fonológica em função da juntura de *em* com artigos definidos, correspondendo à mudança por analogia. Assim, *ni* decorre de pressões fonológicas na preposição *em*, e por influência das formas amalgamadas já existentes, *no* e *na*, representando, portanto, a neutralização de gênero que o *em* representaria.

2.2.2 Origem africana

Outra explicação para a origem de *ni* embasa-se nas influências do contato entre línguas africanas na formação do português brasileiro, como apontam Baxter (1992), Ferrari (1997), Lucchesi e Baxter (1997), que encontraram ocorrências de *ni* na fala de bilíngues do português e ubundo em povos Tongas de São Tomé, na África. Lopes e Baxter (2006) constataram evidências de que *ni* tinha sido usado outrora como preposição locativa, quase categoricamente, mas, devido ao processo de aquisição do português europeu, essa forma foi perdendo força para a forma *em*. Souza (2015) também sugere a relação de *ni* com línguas

africanas, como o yorubá, mas destaca que essa relação não está necessariamente ligada à consequência de um substrato, mas sim a uma sobreposição semântica entre elementos mórficos locativos das línguas de contato que formaram o português brasileiro.

Também assumindo que *ni* é oriundo de línguas africanas, Albuquerque e Nascimento (2013) especulam relações entre o uso dessa forma e o contato entre línguas, como nos municípios de Itabaiana e Laranjeiras, e também o contato nas regiões fronteiriças de Sergipe, como em Poço Verde, Carira e Porto da Folha. Os autores ainda especulam sobre o uso do locativo *ni* no interior e na capital Sergipe, associando-o às migrações das zonas rurais para as zonas urbanas. Apesar de plausível a construção dessa hipótese, a ausência de evidências empíricas não nos dá base para sustentá-la no contexto de variação em uma comunidade universitária.

2.2.3 Isolamento e ruralidade

Ferrari (1997) descreve a variação *em* ~ *ni* em uma comunidade isolada de Morro dos Caboclos, na zona oeste do Rio de Janeiro, e constata que a variante *ni* era presente na fala de quase todos os moradores daquela comunidade.

Na região dialetal do semiárido nordestino, Souza (2015) propõe um *continuum* rural-urbano entre os falares do português rural, popular e culto de Feira de Santana, BA, levando em consideração o emprego da preposição *ni*: a amostra da comunidade de Matinha, que fica situada na zona rural de Feira de Santana, composta por 12 informantes pouco escolarizados; e a amostra composta por 24 informantes de Feira de Santana, moradores da zona urbana, 12 representando o português culto, com nível de escolarização elevado, e 12 representando o português popular, com baixa escolarização. O fator traço semântico do sintagma nominal, referente à noção de lugar e não-lugar foi controlado, e a análise quantitativa das ocorrências evidenciou maior recorrência de *ni* quando denotando lugar, independentemente de seus traços semânticos (concreto/abstrato, animado/inanimado, dentro/fora); já quando o sintagma nominal denota não-lugar, predomina a ocorrência de *em*.

Apenas 2% do total das ocorrências se referem a *ni*, o que já era esperado; no entanto, a proporção de distribuição dessas ocorrências pelas amostras de português rural, português popular e português culto mostrou diferença em sua contagem de dados. No português rural, a variante *ni* foi mais recorrente com 4% do total de ocorrências; já no português popular houve menor recorrência desse conectivo 1%. O que chama a atenção nesses resultados é que o uso de *ni* é mais favorecido no português culto de Feira de Santana 2% do que no português

popular, levando o autor a sugerir que isto decorra do fato de o uso *ni* teria se expandido do ambiente rural para os espaços urbanos.

2.2.4 Rumos de *ni*

Como vimos, estudos sobre a variação *em ~ ni* na fala dos brasileiros ainda são escassos; no entanto, a baixa recorrência da forma *ni* não impede que a consideremos como variante da preposição locativa *em*. Esse processo de variação nos permite observar os efeitos da mobilidade na comunidade de práticas da UFS, já que, segundo os resultados dos estudos descritivos apresentados anteriormente, o uso da preposição *ni* é mais recorrente na fala de pessoas de maior faixa etária, residentes de zonas rurais, no entanto, o estudo de Sousa (2015) indicou maior recorrência *ni* nos informantes universitários em comparação ao de pouca escolaridade. Este resultado nos mostra que a preposição *ni* também é falada por pessoas residentes de zonas urbanas, sem sofrer estigma por parte dos universitários, talvez pelo fato de a origem da forma *ni* estar ligada ao processo de regularização morfológica de *em*, transformação comum no sistema linguístico como um todo, mas que não é considerada pelos outros estudos.

2.3 DIMENSÃO SUBJETIVA DA VARIAÇÃO *EM ~ NI*: TRATAMENTO SOCIETAL⁸

Considerar as percepções sociais permite identificar os estágios da mudança linguística; e para isso Freitag (2016) reforça a necessidade de se estudar a atitude linguística em uma combinação de técnicas e instrumentos de coletas de dados, abordagem direta e indireta e estudo societal, a fim de captar crenças sentimentos e usos dos falantes em uma dada comunidade. Além dos estudos de percepção, com testes específicos, o tratamento societal, com “piadas” e “memes” que refletem a avaliação que é feita de um traço linguístico, como mostram Freitag, Severo, Rost-Snichelotto & Tavares (2015), podem dar pistas de como uma variante é avaliada socialmente.

Os estudos sobre a variação entre as preposições locativas *em ~ ni* no Brasil são orientados apenas pela perspectiva da produção, sem evidências empíricas de mensuração das atitudes positivas e negativas para a variante *ni*, mas podemos ver indícios de percepção por meio de dados societais, como no estudo de Souza (2015), que descreveu o uso da forma *ni* em composições musicais, além de atribuir a popularização da forma *ni* a expressões muito

⁸ A palavra societal refere-se a uma abordagem de coleta etnográfica de dados de domínio público como propagandas em programas de televisão e em redes sociais na internet. Segundo Freitag (2017), na Sociolinguística, o tratamento societal é uma abordagem válida para mensurar atitudes linguísticas.

comuns na internet. O autor confirma a popularidade de *ni* por meio de composições musicais e sua aceitação por todas as classes sociais.

As evidências societais sugerem que há certo grau de consciência sobre o uso da variante *ni*, o que pode ser articulado com nossa proposta de controle da acomodação em relação as dimensões objetivas e subjetivas, com explicitado anteriormente. O uso da variante *ni* associado a composições musicais e *memes*, muito comuns na internet, sugere uma direção de propagação principalmente no ambiente urbano, no qual o acesso a redes sociais é mais facilitado e os responsáveis por essa propagação são os jovens que também se constitui como público alvo.

Quadro 4: Letra de músicas e memes contendo a forma *ni*.

Pinga ni mim > Sérgio Reis
Mamãe passou açúcar ni mim > Wilson Simonal
Tarado ni você > Caetano Veloso
Chega vem ni mim > Marco Polo
Vem ni mim Dodge Ram > Israel Novais



Fonte: Elaborado com base em Souza (2015).

Nos exemplos do quadro 5 podemos ver como a variante *ni* é expressa na mídia, a música “*pinga ni mim*” de Sergio Reis foi muito tocada nas rádios de todo Brasil, da mesma forma, *mamãe passou açúcar ni mim*, de Wilson Simonal que é cantada até hoje, também fez muito sucesso. Entre o público jovem a que se consagrou com grande repercussão foi *Vem ni mim Dodge Ram*, de Israel Novais, com o Sertanejo universitário, evidenciando a forma *ni* como popular e aceita pelos jovens de regiões urbanas e de todas as classes sociais. No caso dos memes, estes são muito acessados em comentários e respostas nas redes sociais, os mais populares com a forma *ni* são evidenciados no quadro 5, exceto o último, que, segundo Souza (2015), é decorrente de um grupo de estudos de uma comunidade virtual da pesquisa de uma universidade federal. Tais evidências advogam em favor da aceitação de tal forma e sua popularização para outros contextos usando como referência os já existentes, (quadro 4).

Quadro 5: Popularização da forma *ni*.

Música - RJ



Bloco carnavalesco - SP



Banda musical - BA



Fonte: Google imagens

A forma *ni* está presente em outras manifestações, que foram baseadas nas já existentes, como mostra o quadro 5, a banda Molejo com uma nova composição de *Vem ni mim*, um bloco de rua já considerado tradição nos carnavais de São Paulo, baseado na música *Tarado ni você*, de Caetano Veloso e uma banda musical da Bahia que também leva o nome de *Vem ni mim*. Esses dados evidenciam a forma *ni* comum na fala dos jovens brasileiros, e sugerem sua aceitação social neste grupo.

No entanto, apesar de seu avanço na região urbana, a propagação da mudança ainda está relacionada com a ruralidade, como evidenciam os estudos descritivos apresentados no início deste capítulo. Considerando os contatos e os deslocamentos dos universitários da UFS, observamos que muitos estudantes são oriundos de comunidades rurais e carregam traços originários de sua região; estes migraram para Sergipe ou fazem o percurso até a universidade diária ou semanalmente, entram em contato com uma variedade diferente da que usam em seu contexto habitual, e, para inserir-se nesse novo contexto, é necessário que haja uma aproximação ao padrão linguístico desse novo lugar, é nesse cenário que as estratégias de acomodação acontecem.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo dessa seção é apresentar os procedimentos metodológicos que permitem investigar a relação entre a variação nas preposições locativas *em ~ ni* e contato linguístico decorrente da mobilidade geográfica dos estudantes, que é resultado das transformações no acesso à comunidade de prática UFS. Assumimos o modelo de acomodação que relaciona convergência e divergência às dimensões objetivas e subjetivas do uso. Assim, descreveremos os tipos de deslocamentos, os fatores controlados e suas hipóteses, os instrumentos de coleta, bem como a forma de tratamento dos dados.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Para medir os efeitos do deslocamento, constituímos uma amostra linguística cujo desenho da documentação considera a mobilidade geográfica dos falantes, oriundos de diferentes lugares, que se reúnem em uma comunidade de práticas, o que possibilita a descrição de vários fenômenos linguísticos. A escolha da UFS para o estudo da variação *em ~ni* deu-se pelo fato de esta comunidade de práticas promover a mobilidade, por conta das medidas que propiciaram a democratização no acesso às universidades. Estudantes da capital e do interior de Sergipe, bem como de fora do estado se juntam em um mesmo local e compartilham práticas comuns.

Os procedimentos metodológicos para a constituição da Amostra de Deslocamentos seguiram os pressupostos da sociolinguística laboviana. Foram coletadas 64 entrevistas com duração entre 40 min e 60 min com estudantes do *campus* Cidade Universitária Professor José Aloísio de Campos, situado na avenida Marechal Rondon, bairro Rosa Elze, município de São Cristóvão. O *corpus* é dividido em quatro grupos de 16 informantes cada, para contemplar quatro tipos de deslocamentos previamente estabelecidos, sexo/gênero, tempo de curso; ver quadro 5 e figura 3. Essa amostra fará parte do Banco de dados Falares Sergipanos, Freitag (2013, 2017).

A constituição da amostra foi feita por 4 documentadoras (DOCC, DOCT, DOCR, DOCS); embora a entrevista sociolinguística caracterize-se como uma interação assimétrica quanto ao nível de participação dos componentes, essa relação será importante para analisar se há estratégias de convergência e divergência na interação face a face. Para tanto, caracterizamos as documentadoras da amostra a fim de relacioná-las ao perfil dos estudantes e

seus respectivos tipos de deslocamentos. As documentadoras DOCT, DOCC, e DOCR são sergipanas, estudantes do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe e membros do grupo de pesquisa Linguagem Interação e Sociedade – GELINS. DOCS é também sergipana, graduanda em Letras, foi aluna da disciplina Sociolinguística e participou do curso *Coleta de dados e documentação em pesquisa sociolinguística*; a documentação feita pela DOCS contribuiu para compor o deslocamento 4, entrevistando um componente natural de São Paulo que atualmente mora em Aracaju por causa da UFS. Aplicando o critério de estratificação da amostra, DOCT constitui o deslocamento 1, nascidos e criados em Aracaju, DOCC faz parte do deslocamento 2, mobilidade pendular diário entre o interior e a capital, já DOCR e DOCS compõem o deslocamento 3, nascidas e criadas no interior e, por causa da graduação, migraram para a capital onde possuem moradia fixa. As documentadoras se enquadram no perfil da coleta em relação à faixa etária. A distribuição dos informantes por documentadora foi feita aleatoriamente, respeitando a disponibilidade dos alunos.

Quadro 5: Tipos de deslocamentos da amostra.

- I. 16 informantes (Residentes da grande Aracaju) que nasceram e foram criados na grande Aracaju e fazem o deslocamento até a UFS, principalmente pelo sistema de transporte coletivo (SETRANSP);
- II. 16 informantes (Migração interna – movimento pendular) Moradores do interior do estado que se deslocam para a Universidade todos os dias, neste caso o transporte é feito por associações ou por ônibus pagos pelas prefeituras dos municípios;
- III. 16 informantes (Migração periódica interna) nascidos e criados no interior mas que vieram morar na capital por causa da Universidade, estes alunos residem principalmente no Rosa Elze bairro onde fica situada o UFS;
- IV. 16 informantes (Migração periódica externa) nascidos e criados em outros estados mas que vieram morar em Aracaju por causa dos estudos, esses estudantes são resultado do SISU, que seleciona alunos de todo país a partir da nota do ENEM para instituições públicas.

Figura 3: Tipos de deslocamento em relação ao tempo de curso e ao gênero



A figura 3 apresenta o desenho da amostra considerando a distribuição dos falantes quanto aos deslocamentos e a sua relação com os fatores tempo de curso e sexo/gênero. O

perfil completo de todos os estudantes entrevistados, bem como de seu lugar de origem, idade, curso, é apresentado no perfil social dos informantes (ANEXO D).

3.2 INSTRUMENTOS DE COLETA

Nessa subseção, apresentamos os instrumentos utilizados para a realização das entrevistas sociolinguísticas, bem como para a identificação dos informantes e suas informações sociais e para registro do seu consentimento de participação na pesquisa.

3.2.1 Roteiro de entrevista

A entrevista seguiu os moldes da sociolinguística laboviana, que permite ao pesquisador controlar o grau de atenção que o falante dar para o próprio discurso, e dependendo do tipo do assunto abordado esse método pode desencadear diferentes estilos. O roteiro (ANEXO B) já faz parte das ferramentas utilizadas na constituição do *Banco de Dados Falares Sergipanos*, contendo questões referentes à educação, saúde, política, cultura, e meio ambiente. Foram adicionadas questões que abordavam assuntos relacionados ao contexto acadêmico, pesquisas, curso, grupos de estudo, etc. Também foram abordadas questões referentes aos lugares de origem dos informantes, o processo de mudança para Aracaju bem como a adaptação ao novo lugar. Para os informantes do deslocamento 2 (migrantes internos – movimento pendular) foram realizadas perguntas, também, sobre processo de mobilidade.

3.2.2 A ficha social e termo de consentimento

A ficha social (ANEXO A) e o termo de consentimento (ANEXO C) também foram adaptados aos objetivos da pesquisa. A ficha social é fundamental para a identificação do informante, pois apresenta questões essenciais sobre ele como: lugar de origem, tipo de deslocamento, tipo de residência, profissão dos pais, etc. as questões da ficha social serviram de checagem e de base para informações prévias dos estudantes entrevistados.

O termo de consentimento seguiu os padrões fixados pelo comitê de ética para a atividade de documentação realizados coletivamente por meio do processo CAAE 68318317.0.0000.5546, de modo que o informante entendia que sua entrevista iria ser usada para fins científicos e poderia a qualquer momento desistir de cooperar.

3.2.3 Levantamento dos dados

Os instrumentos de coleta serviram para subsidiar o processo de constituição da amostra de deslocamentos e a seleção dos informantes foi feita de modo a contemplar os requisitos previamente definidos. Após gravadas, as entrevistas foram transcritas no software ELAN (HELLWIG; GEERTS, 2013), o qual, além da função de anotação de áudio e vídeo, permite o ajuste entre áudio e a transcrição, facilitando a identificação e discriminação de variantes linguísticas dentro de um corpus (OUSHIRO, 2014). No caso da variável em questão, foram localizadas todas as ocorrências de *em* e de *ni* dos 64 arquivos de transcrição. Essas ocorrências foram ouvidas e asseguradas como *em* e *ni*. Posteriormente os arquivos foram salvos em *.txt e submetidos aos procedimentos estatísticos a partir da plataforma Rstudio.

Como explica Oushiro (2014a), o programa R desempenha diversas tarefas estatísticas e gráficas. Segundo a autora, esse programa permite que o usuário personalize tarefas que deseja executar, definindo as funções através de linhas de comando, tendo maior controle e melhores resultados. As ocorrências de *em* e *ni* foram identificadas e extraídas a partir do pacote `dmsocio` (OUSHIRO 2014b), contemplando as variáveis sociais, e, em seguida, submetidas à análise das variáveis linguísticas.

Foram extraídos 3359 dados de *em* e *ni* dos arquivos de transcrição; essas ocorrências passaram pelo processo de discriminação, com a finalidade de identificar com exatidão as ocorrências de *em* e *ni* na função de preposição, por meio do cotejamento da transcrição ao áudio original da entrevista. No processo de discriminação foram excluídas 315 ocorrências que se referiam a contextos de truncamento de palavras como: *em-empresarial/ ni- nível*, locuções prepositivas, que representam formas mais gramaticalizadas de *em* como: *em relação a*, *em compensação com*, *em geral*, *em termos*, e expressões como: “*de vez em quando*”, “*hoje em dia*”, “*de quinze em quinze*”, “*com fé em Deus*”, pois configuram formas cristalizadas nas quais a forma *ni* não apareceria. Assim, 3044 dados foram considerados nos procedimentos de análise quantitativa.

3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE QUANTITATIVA

Para medir a convergência e a divergência na dimensão objetiva, foi preciso quantificar as ocorrências das variantes *em* ~ *ni* na fala dos universitários, a fim de identificar a taxa de recorrência das variantes considerando a mobilidade como um fator determinante na escolha da variante, pois os estudantes que se deslocam estão em constante processo de

realinhamento do código linguístico por fazerem parte de comunidades de práticas diferentes, tanto dentro da universidade quanto no lugar de origem e até mesmo no decorrer do percurso entre esses dois pontos.

3.3.1 Dimensão objetiva

Descrevemos nesta subseção os procedimentos usados para a análise das divergências e convergências dos estudantes, bem como os instrumentos para a análise dos dados, a variável geográfica deslocamentos e os fatores linguísticos inerentes ao uso de *em* e *ni* na dimensão objetiva.

3.3.1.1 Deslocamento

Os estudantes dos quatro grupos constituídos fazem ou fizeram algum tipo de deslocamento; a migração, para quem veio de outro município de Sergipe ou estado da Federação, e a mobilidade pendular referente aos que se deslocam diariamente ou semanalmente.

Tendo em vista que estudos anteriores (FERRARI 1997; SOUZA 2015) mostram que a variante *ni* é atribuída à fala de indivíduos de zona rural, alta faixa etária, temos por hipótese que esta forma é mais frequente na fala do grupo de deslocamentos que contemplam estudantes do interior do que nos estudantes da capital.

3.3.1.2 Tempo de curso

O tempo da exposição ao contato interfere na acomodação, por isso controlamos se o tempo de curso do indivíduo influencia no uso de uma ou outra variante. A definição de período “inicial” foi baseada nos três primeiros semestres cursados pelos integrantes da amostra; o período “final” considera estar cursando a partir do 7º semestre da graduação, visto que alguns cursos têm duração de oito semestres; dessa forma, o estudante já estaria concluindo a graduação. Temos por hipótese que o fator tempo de curso, associado ao tempo do migrante no novo lugar e ao tempo de deslocamento dos estudantes, influencie no uso da variante *ni*. Ou seja, quanto menos tempo o estudante estiver integrado com a comunidade de práticas, e conseqüentemente em contato com o ambiente universitário, mais usará a variante que conserva traços de ruralidade.

3.3.1.3 Sequência discursiva

A amostra de deslocamentos foi baseada nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista. O método de coleta deu-se por meio da entrevista sociolinguística, que segundo Labov (2008 [1972]) permite ao documentador fazer emergir o vernáculo de um indivíduo que representa uma comunidade, por meio de contextos abordados durante a entrevista desde a leitura de textos e pares mínimos até a fala forma da entrevista. Em geral, o estilo mais fácil de definir na entrevista é o estilo monitorado, com resposta a perguntas e defesa de ideias, porém a exposição de narrativas de infância e de risco de morte podem fazer com que o entrevistado preste menos atenção à fala, podendo assim emergir um estilo menos monitorado.

Como afirma Freitag (2014), pelo protocolo da entrevista sociolinguística é possível obter diferentes estilos de fala, a partir do roteiro de entrevista, o documentador pode abordar diferentes tópicos discursivos e sequências discursivas a fim de fazer emergir diferentes estilos.

A depender da pergunta engatilhada, a sequência discursiva poderá ser uma narrativa – se o entrevistado narrar um fato violento que passou, um argumento – caso a pergunta tenha sido relacionada a opinião do informante sobre as causas da violência ou até mesmo uma descrição – se o descrever a situação da violência em sua cidade. Nesse sentido é possível que o informante alterne o estilo em direção a uma fala menos monitorada como no caso da narrativa de violência e mais monitorada na argumentação sobre as causas da violência.

O presente estudo controlou as sequências discursivas presentes no quadro (6). Considerando a abordagem do roteiro de entrevista, esses tipos de sequências serão definidos a partir da tipologia proposta por Oliveira e Silva e Macedo, que analisaram marcadores discursivos em entrevistas sociolinguísticas.

Quadro 6: Sequência discursiva

Narrativa: relato verbal de um fato ou de uma história no passado

Diálogo: trecho de pelo menos duas perguntas e duas respostas curtas sobre um determinado assunto.

Argumentação: o trecho em que o informante fundamenta suas opiniões ou defende seus pontos de vista sobre determinado assunto.

Fonte: Elaborado com base em Oliveira e Silva e Macedo (1996 p. 15).

Nossa hipótese acerca dessa variável é de que, por ser a variante *ni*, uma forma que pode emergir em contextos de fala mais espontânea do que a preposição *em*, será mais produtiva na sequência discursiva narrativa, pois, como pressupõe Labov (2008 [1972]),

quando o informante conta um fato, ele, frequentemente, se envolve na narrativa a ponto de parecer estar revivendo aquele fato; é nesse contexto que pode emergir a fala espontânea.

3.3.1.4 Fatores linguísticos

Perini (2006) afirma que as preposições têm função reclassificadora, isto é, promovem mudanças de classe. Para o autor, a preposição *em* exerce, entre outras funções, a de fazer de um sintagma nominal, um advérbio de lugar. Neste caso, consideraremos como variáveis linguísticas os componentes que funcionam junto às preposições *em* e *ni* compondo os enunciados.

Quadro 7: Variáveis linguísticas controladas.

• Classe precedente	• Classe seguinte
<i>Articulador</i>	<i>Determinante</i>
<i>Determinante</i>	<i>Infinitivo</i>
<i>Modificadores</i>	<i>Nome</i>
<i>Nome</i>	<i>Pronome</i>
<i>Verbo</i>	

Temos por hipótese que a forma *ni* ocorre nos contextos linguísticos classe antecedente e classe seguinte, com o mesmo valor que a preposição *em*, mesmo correspondendo a um uso não padrão, sendo divergente em relação à variedade proposta pela universidade, mas confirmando seu uso regular sem ser estigmatizados pelos informantes da amostra de deslocamentos.

3.3.1.5 Natureza Fonológica

Como descrevemos na seção 3.2, assumimos a hipótese de que a forma *ni* decorre de uma regularização morfológica de *em* que pela influência dos artigos representaria um gênero neutro. Dessa maneira entendemos que a natureza fonológica do contexto seguinte influencia na escolha da forma *ni*.

Em relação esse contexto posterior, nossa hipótese se baseia em considerar a forma *ni* como uma composição a partir de processos morfofonêmicos (CASTILHO 2012; KEWITZ et. al. 2018), na qual *em* junta-se a vogais ou vocábulos iniciados por vogais, como artigos indefinidos e pronomes e por conta disso ocorre com maior regularidade em contextos nos quais a natureza fonológica seguinte é vogal, isso por que a forma *ni* vem da influência das formas amalgamadas de *em*.

3.3.2 Dimensão subjetiva

Para medir as estratégias de acomodação pela dimensão subjetiva, deve-se levar em consideração as crenças e as atitudes dos estudantes atrelada à dimensão objetiva. E, como afirma Freitag (2016), é necessário que se estude a produção vinculada à percepção, pois os resultados podem contribuir para entender o progresso da mudança de determinada variante em uma comunidade. A percepção de fenômenos linguísticos está relacionada ao grau de consciência do falante sobre eles.

As dimensões objetiva e subjetiva dos processos de acomodação podem ser relacionadas aos estudos de saliência da sociolinguística que correlacionam produção e percepção de uma variante. De acordo com Freitag (2018, p. 1), “Os estudos de produção sociolinguística têm por objetivo responder por que e como formas linguísticas e significados sociais se vinculam. Já os estudos de percepção sociolinguística tentam verificar como isso afeta a percepção do falante e o processamento linguístico”. Nos poucos estudos sobre a variação entre *em* e *ni*, a produção da variante *ni* é associada a perfis sociais desfavorecidos, o que leva a supor que a forma tenha um significado social negativo. No entanto, é preciso que se realizem estudos de comparação entre a produção e a percepção desse uso em contextos sociais diferentes, para entender como a variante passa a integrar o repertório linguístico dos falantes e como/se vai ela permanecer.

Apesar de nossas tentativas, não foi viável realizar um estudo de percepção acerca da variação entre *em* e *ni*. Estamos nos valendo de evidências indiretas, como o tratamento societal, apontado anteriormente, e também de uma pista linguística na própria fala dos entrevistados: os reparos junto aos contextos anterior e posterior às preposições *em* e *ni*. Considerando que um reparo é uma pista de monitoramento, podemos aventar que ao reparar a sua fala, os estudantes dão pistas de como percebem as variantes, em termos de consciência e saliência.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O objetivo dessa seção é apresentar a descrição dos resultados obtidos para o uso das formas *em* e *ni*, na fala dos estudantes da amostra de deslocamentos da Universidade Federal de Sergipe. Seguindo propostas de outros autores, que já assumiram a Teoria da Acomodação à Comunicação para explicar a variação no português, consideramos que a variação nas preposições locativas *em* ~ *ni* é sensível às estratégias de convergência e divergência atrelada às dimensões objetivas e subjetivas.

Como vimos, a convergência “de baixo para cima” está associada ao realinhamento no padrão de escolha do código linguístico em direção a uma variedade consensualmente de prestígio. Podemos relacionar a variedade de prestígio com a que observamos na comunidade de práticas UFS, variedade conhecida como norma culta, que, conforme Faraco (2008), é a mais próxima da norma padrão e configura o conjunto de traços linguísticos que ocorrem no uso de indivíduos letrados em contextos monitoradas de fala, e até mesmo de escrita, que por essa relação com os usos monitorados e com práticas da cultura letrada, adquire um valor social positivo por parte dos falantes (FARACO, 2008). Essa variedade, pelo fato de a comunidade de prática UFS ser um ambiente de escolarização superior, é esperada na fala de seus membros, mesmo esta não sendo comum a todos eles; fazer uso desse código linguístico é uma marca de indexicalidade que vincula o estudante à comunidade de práticas universitárias, e por isso ocorreria a acomodação. Um traço linguístico de variedades de menor prestígio, como a variante *ni* preposição, tende a ser neutralizado em função do realinhamento de código a partir da acomodação.

Para mensurar as estratégias de acomodação a partir das dimensões objetivas e subjetivas, podemos considerar que os estudantes que usam a variante *ni* no contexto universitário estarão divergindo em relação à variedade consensualmente de prestígio da comunidade de práticas: já os que só usam a variante padrão *em* estão convergindo em direção à variedade da comunidade. Para identificar a convergência na dimensão objetiva, basta computar os padrões de uso individual de cada estudante.

Como destacam Freitag et al (2016) e Freitag (2016), existe uma diferença entre o falante usar um traço linguístico do seu repertório e ter a consciência de que usa. Por exemplo, Freitag (2016) destaca que em relação à variação *nós* e *a gente*, em uma amostra de universitários da mesma comunidade de práticas em questão, a UFS, quatro informantes

afirmam que costumam usar o pronome *nós*, no entanto, todas as suas realizações da primeira pessoa do plural foram com *a gente*.

Assim, em relação ao quadro proposto por Giles, Coupland e Coupland (1991), retomando em 8, (A) se refere aos falantes que usam a variante de maior prestígio, *em*, e têm consciência disso, ou, dito de outro modo, sabem que convergem e de fato convergem, ou (B) que convergem, fazem o uso da variante *em*, mas não têm consciência disso. Possivelmente, o padrão (A) e (B) está relacionado ao menor deslocamento geográfico dos estudantes em direção à comunidade de práticas, como o perfil do aluno clássico, neste caso, os estudantes dos estudantes do deslocamento 1: nascidos e criados em Aracaju.

Quadro 8: Dimensões da acomodação subjetiva e objetiva da fala.

		Acomodação subjetiva	
		Convergência	Divergência
Acomodação	Convergência	A	B
Objetiva	Divergência	C	D

Fonte: Thakerar et al. (1982 *apud* GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991, p.15, *tradução nossa*).

Já os estudantes dos deslocamentos pendular, diário ou semanal, referente aos estudantes do interior, possivelmente estariam nos padrões (C) e (D), dos que divergem e têm consciência disso e dos que divergem, mas não sabem que o fazem, em relação ao uso da variante *ni*.

O modelo de acomodação está associado ao realinhamento de padrões do código linguístico em função das crenças e atitudes que os falantes têm no que diz respeito ao outro e a sua posição social, mas a consciência social do falante em relação à variedade ou um traço linguístico é determinante para que esse realinhamento aconteça.

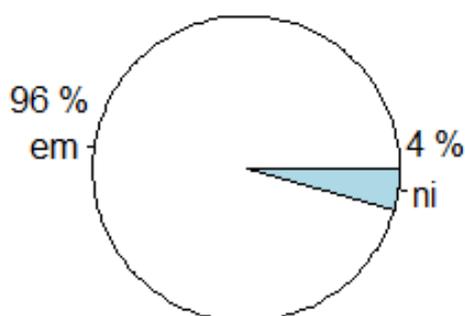
Pela dimensão objetiva, apresentaremos o padrão de uso desses locativos na variável geográfica tipo de deslocamentos, bem como nas variáveis sociais tempo de curso e sexo/gênero, além de identificar o padrão de uso das preposições locativas *em ~ ni* em relação aos condicionamentos linguísticos.

Na dimensão subjetiva, assumimos que os reparos dão pistas da consciência do valor social das formas.

4.1 DIMENSÃO OBJETIVA

Como já explicitado em estudos anteriores (FERRARI 1997; SOUZA 2015), o uso da forma *ni* é associado à fala de pessoas com baixa escolarização, faixas etárias mais altas e residentes de zonas rurais. No entanto, a amostra constituída para este estudo representa outro perfil social de informante: jovens universitários que são ou estão em constante contato com o meio urbano.

Gráfico 1: Distribuição geral de *em* e *ni*.



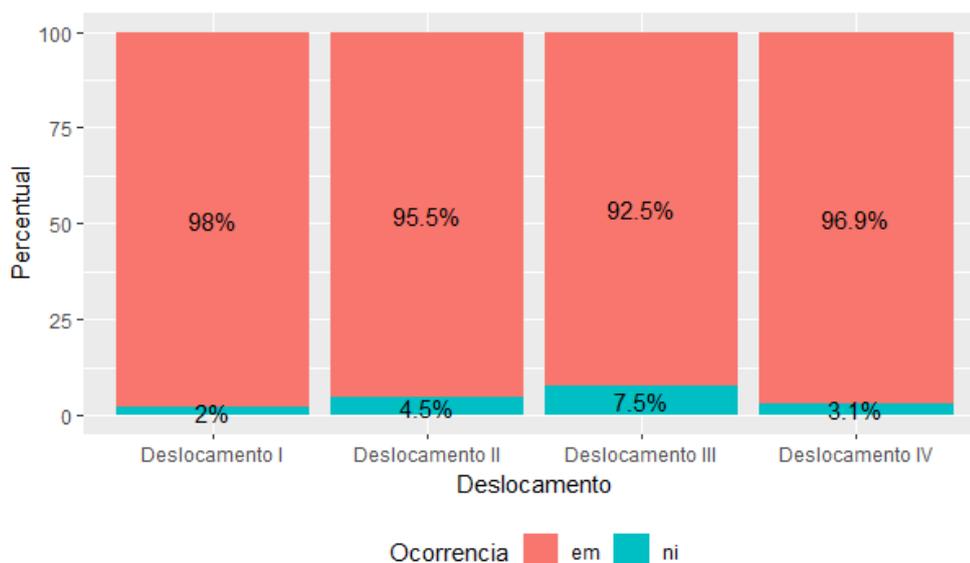
Foram identificadas 2912 ocorrências da forma *em* e 132 ocorrências de *ni* na fala dos universitários da amostra de deslocamentos, os dados de *em* representam 96% enquanto os de *ni* 4%, gráfico 4. A hipótese assumida é de que a variante *ni* ocorre na fala dos alunos da amostra devido ao critério de seleção dos estudantes em função dos deslocamentos geográficos. Estudantes de diferentes regiões com mobilidade geográficas distintas estão constantemente inseridos em contexto profissional (a universidade) e pessoal (em casa) e precisam realinhar seu código linguístico regularmente, estes entram em contato e compartilham variedades, a forma *ni* estaria presente nessas variedades e ocorreria no ambiente universitário. Mesmo com um percentual muito baixo, a preposição *ni* concorre com a preposição *em* na fala dos estudantes da amostra de deslocamentos da UFS, esse fato reforça nossa hipótese de que o uso da preposição *ni* não deve estar associado, somente, ao perfil descrito em outros estudos.

4.1.1 Deslocamentos

Investigar os fenômenos de variação e mudança linguística em indivíduos com mobilidade geográfica tem sido importante para os estudos da sociolinguística, pois permite

uma análise das influências dessa transição no contato entre indivíduos de diferentes realidades em um só espaço social. Dessa forma em uma mesma amostra foi possível coletar informações relevantes para indicar os padrões de uso das preposições *em* ~ *ni*. Em relação aos deslocamentos controlados na amostra em questão, pretendemos responder ao seguinte questionamento: há diferença no uso da variante *ni* em relação ao perfil dos estudantes de cada deslocamento?

Gráfico 2: Distribuição de *em* e *ni* por deslocamento



Como já especificado, o deslocamento 1 é composto por estudantes nascidos e criados em Aracaju; estes alunos fazem o movimento de migração pendular de casa para a universidade diariamente. Para este grupo, foram identificados 512 dados da preposição *em* e 13 dados da variante *ni*, configurando um percentual de 98% da preposição locativa *em*, contra 2% da variante *ni*. Já para os estudantes do deslocamento 2, que também fazem o movimento pendular no contexto intermunicipal, as ocorrências de *em* foram 522 (95.5%) enquanto *ni* ocorreu 32 (4.5%) vezes na amostra. O deslocamento 3 é composto por alunos oriundos de municípios do interior de Sergipe que migraram para a capital em busca de melhores condições de estudo; neste perfil, a preposição *em* representou 523 ocorrências (92.5%), enquanto a preposição *ni* obteve 49 ocorrências, com um percentual de 7.5%. Por fim, no deslocamento 4, o grupo de estudantes migrantes apresentou um total de 583 usos da forma *em* correspondendo à 96.9% e 19 usos de *ni*, 3.1%. Apesar das poucas ocorrências, esta diferença é estatisticamente significativa ($\chi^2 = 30,56$, $df = 3$, $p < 0,0001$).

Tínhamos por hipótese que os deslocamentos 2 e 3, compostos por estudantes advindos do interior do estado, tenderiam ao uso da preposição *ni*, por conta da sua origem interiorana,

indicando um efeito do deslocamento. A distribuição percentual dos usos em função dos deslocamentos corrobora essa hipótese (gráfico 2). O deslocamento 3, seguido do deslocamento 2, foram os que mais apresentaram a realização da variante *ni*. No entanto, em todos os grupos de deslocamentos, a preposição *ni* teve ocorrências, mesmo nos deslocamentos compostos por estudantes da capital, Aracaju e de regiões urbanas de outros estados, mostrando uma regularidade no uso pelos falantes dos quatro tipos de deslocamento, com sutil recorrência nos deslocamentos do interior do estado.

4.1.2 Papel interacional

As ocorrências da preposição em relação ao papel interacional documentadoras mostra a recorrência dessas formas na fala das parceiras interacionais dos estudantes entrevistados, tendo em vista que a Teoria da Acomodação à Comunicação propõe uma análise da interação face a face, como um recurso para medir as estratégias de acomodação.

Tabela 1: Distribuição de *em* e *ni* por documentadora

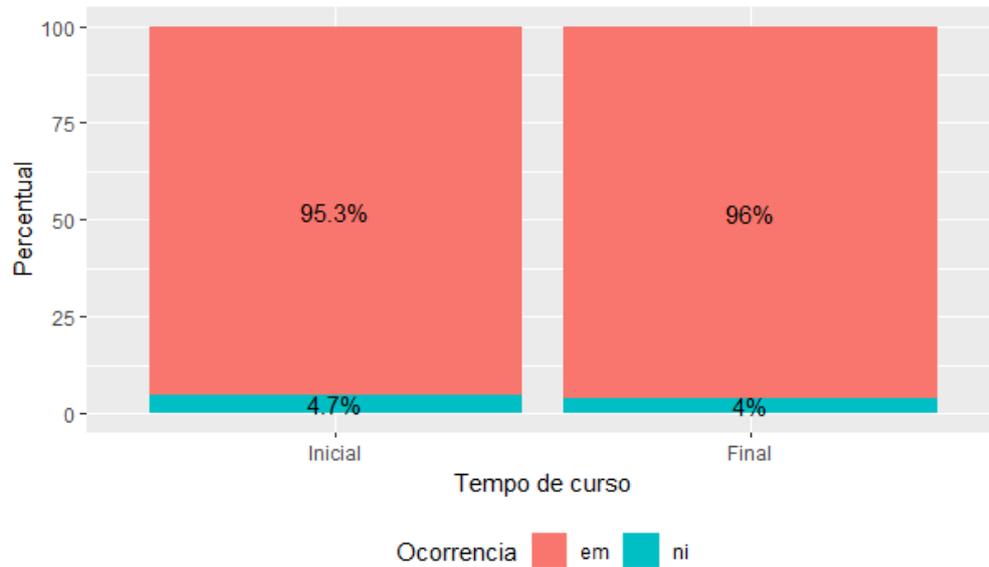
	<i>em</i>		<i>ni</i>		Total	
DOCC	221	94,85%	12	5,15%	233	29,49%
DOCR	84	100 %	0	0 %	84	10,63%
DOCS	11	91,67%	1	8,33%	12	1,52%
DOCT	456	98,92%	5	1,08%	461	58,35%
Total	772		18		790	

A tabela apresenta a distribuição das ocorrências das preposições *em* e *ni* por parte das documentadoras da amostra. Como mencionado na seção 4.1 as documentadoras que participaram da amostra se enquadram na divisão dos deslocamentos 1 DOCT, 2 DOCC e 3 DOCR e DOCS; salvo DOCR que não fez uso da variante *ni*, as participantes que interagiram com os estudantes usaram no seu repertório a forma variante *ni*, sinalizando que uso é regular na amostra. Por haver resultado categórico, a aproximação do teste de associação entre as variáveis não é confiável ($\chi^2 = 18,77$, $df = 3$, $p = 0,0003$).

4.1.3 Tempo de curso

Para os estudos de contatos e acomodação se faz importante controlar o tempo de inserção do indivíduo no novo lugar; a partir disso, questionamos: o tempo de curso do informante influencia no uso da variante da forma *ni*?

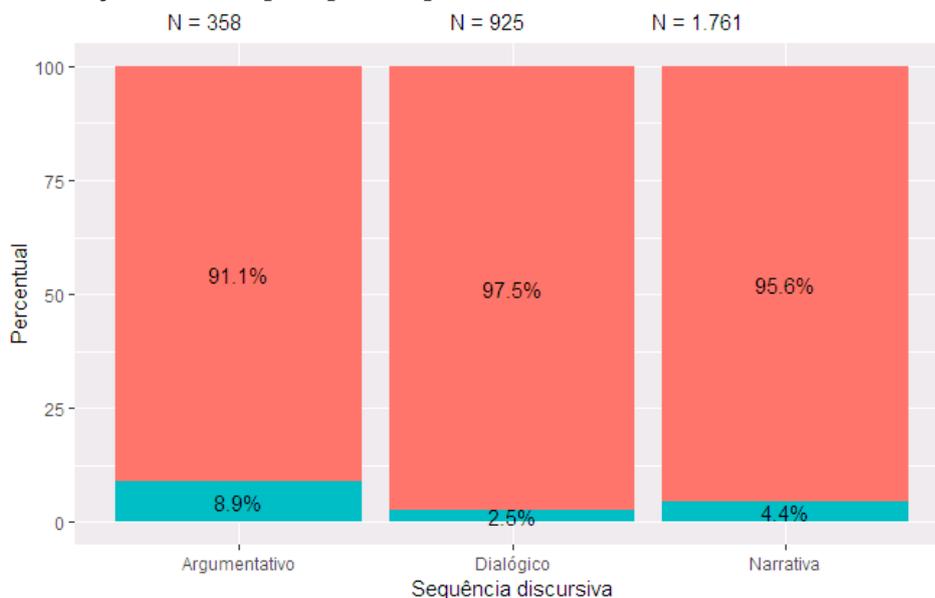
Gráfico 3: Distribuição de *em* e *ni* por tempo de curso.



A hipótese para tempo de curso era de que quanto mais tempo o estudante estivesse em contato com a variedade da comunidade de práticas, menos usaria a variante *ni*, visto que esta forma não faça parte da variedade exigida pelo ambiente universitário. A variável tempo de curso não mostrou diferença estatisticamente significativa para uso da forma *ni*, tanto os estudantes do tempo inicial quando do tempo final usaram a forma quase na mesma proporção ($\chi^2 = 0,817$, $df = 1$, $p = 0,36$), o que não confirma a hipótese.

4.1.4 Tipo sequência discursiva

Em relação ao tipo de sequência discursiva, tínhamos controlado a narrativa, descrição, argumentação e diálogo; em função da baixa recorrência de descrição, juntamos esse tipo de sequência discursiva com as narrativas. A diferença na distribuição é estatisticamente significativa ($\chi^2 = 25,914$, $df = 2$, $p < 0,0001$).

Gráfico 4: Distribuição de *em* e *ni* por tipo de sequência discursiva.

O gráfico 4 mostra a distribuição percentual de realização das preposições *em* e *ni* na amostra. O tipo argumentativo foi o que mais favoreceu o uso da variante *ni* com um percentual de 8.9% das ocorrências, enquanto a preposição *em* obteve 91.1%; o tipo de texto diálogo foi o que menos favoreceu a variante *ni* com 2.5% das ocorrências enquanto para a preposição *em* 97.5% dos dados forma apurados; a sequência discursiva narrativa alcançou 4.4% das ocorrências para *ni*, já a variante *em* apresentou 95.6%

Nossa hipótese foi de que a forma *ni* ocorreria nos contextos de fala mais espontânea, desse modo na narrativa, pois como afirma Labov (2008 [1972]) o indivíduo pode ficar mais atento ao relato do fato do que à fala podendo emergir o vernáculo, no entanto, não foi confirmada, pois o uso da variante *ni* foi mais produtivo na sequência argumentativa, que exige maior atenção à fala por se tratar de uma um processo que envolve monitoramento na escolha dos recursos linguísticos para a fundamentação de opiniões e defesa de ideias. Embora esse resultado refute nossa hipótese para esta variável, ela corrobora com a nossa hipótese central de que a variante seja regular e aceita na comunidade sem carregar estigma social, neste caso até em contextos que requerem um maior monitoramento.

4.1.5 Variáveis linguísticas

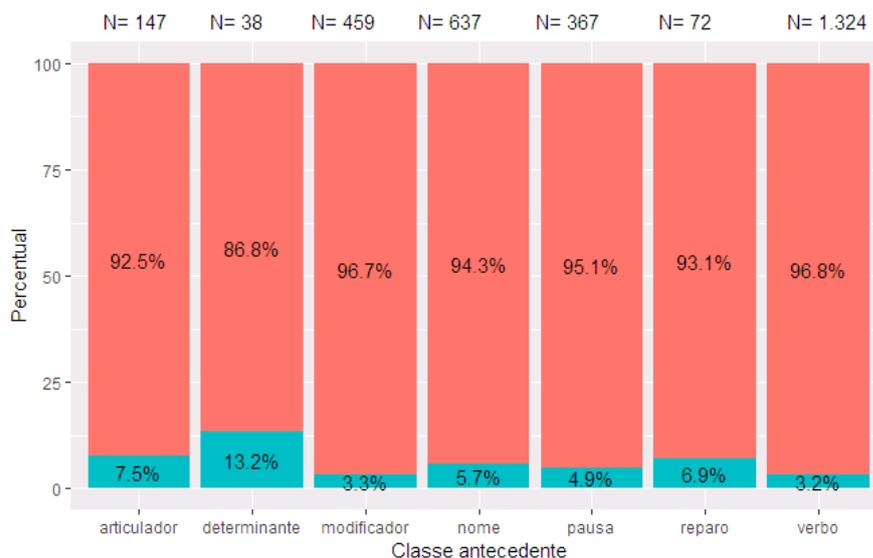
O controle de variáveis linguísticas de fenômenos em variação é de extrema importância para mostrar o padrão de uso da forma inovadora nos contextos linguísticos. O objetivo desta seção é apresentar a distribuição de ocorrências das variantes *em* e *ni* em relação aos contextos linguísticos: Classe antecedente, Classe posterior, apresentando o uso da

variante *ni* nestes contextos, bem como o percentual referente à Natureza fonológica posterior, que indica evidências de que a forma *ni* tenha decorrido de processos morfofonêmicos. Os gráficos também apresentam o percentual referente aos contextos de reparo, que serão discutidos na seção dedicada à dimensão subjetiva.

4.1.5.1 Classe antecedente

A classe precedente corresponde ao contexto anterior a que as preposições *em* ~ *ni* estão acompanhadas; para esta variável consideraremos elementos agrupados nas categorias de articulador, determinante, modificador, nome e verbo (os contextos de reparo serão discutidos mais à frente). A sua distribuição é estatisticamente significativa ($\chi^2 = 20,348$, $df = 6$, $p = 0,002$).

Gráfico 5: Distribuição de *em* e *ni* por classe antecedente.



A categoria de **articulador** corresponde, segundo Risso et. al. (2015), a links de coesão e articulação de segmentos na estrutura frasal (conectivo, conjunção, marcadores discursivos). Em relação ao contexto antecedente, preposição *em* computou 92,5 % das ocorrências enquanto a variante *ni* apresentou 7,5%.

(4) RON3MF: “pra eu dizer **porque ni** determinada área acontece erosão...”

(5) CLA1FF “oh em outro país você não tem essa questão de segurança lá é mais seguro né? só um psicopata ou outro... um caso à parte... **então em** outro país eu moraria sim”

O excerto (4) mostra a preposição *ni* sendo antecedida pela conjunção **porque**, que liga uma oração a outra, da mesma forma que acontece em (5), com a preposição *em* e o advérbio **então**.

Os **determinantes** aparecem como primeiro elemento do sintagma nominal (um, que, nenhum, etc.) (PERINI 2010). As ocorrências da preposição *em* representaram 86,8%, já da variante *ni*, 13,2%, no entanto, os dados da preposição *ni* com determinantes no contexto anterior forma referentes a planejamento verbal, como no excerto (6).

(6) DOCC: você já foi pra... outros municípios?

BRE3FI: de de Sergipe?

DOCC: de Sergipe... conhece?

BRE3FI: eu já passei por eles... mas tipo não de tipo... visitar né? ah não eu já fui pra eu esqueci **um ni uma ni** uma... pra Xingó ni um...

(7) DOCR: Você tem irmãos?

JHO2MI: Sim...

(...)

DOCR: eles fizeram faculdade?

JHO2MI: Sim... os dois sim... **um em** contabilidade e o outro... eh... já foi professor

No excerto (6) A estudante BRE3FI, usa os termos **um** e **uma** junto à forma *ni*, no entanto o uso dessas formas não faz referência a um determinante propriamente dito, mas a um planejamento verbal, a estudante tenta se lembrar de uma viagem que fez para Xingó, e repete os termos seguidos. Diferente do excerto (7) em que o estudante JHO2MI responde à pergunta da documentadora sobre a escolaridade dos irmãos dele, neste caso o determinante *um* introduz *um* sintagma nominal *em contabilidade*.

Os **modificadores**, nesta amostra são representados pela classe dos advérbios, que apresentou 96,7% da preposição *em* enquanto *ni* computou 3,2% A variante *ni* foi usada, exclusivamente, com os advérbios locativos *lá* e *aqui*, nesta amostra. Castilho (2012) classifica os advérbios dêiticos em dimensões espaciais e temporais, seguidos de preposição, esses advérbios localizam elementos no espaço e no tempo. No excerto (8), a estudante usa o advérbio *lá* juntamente com a forma *ni* para localizar onde aconteceu o evento (caso de morte). Já no excerto (9), a estudante JUN2MF usa o advérbio *aqui* junto do conectivo *ni* para indicar onde tem medo de tirar o celular do bolso.

(8) BRE1MF: “levar o celular dela e aí eh... chegou a polícia tudinho levou já teve caso de morte também **lá ni** minha rua”

(9) JUN2MF: celular na mão que é o grande problema hoje em dia ter o celular na mão **aqui ni** Aracaju eu tenho medo de tirar do bolso... lá não você pode usar e conversar não tem problema algum quanto a isso...

Os advérbios apresentados nos excertos (8) e (9) fazem parte dos eixos que Castilho (2012) chama de distal *lá* e proximal *aqui*. Ligados às preposições, esses advérbios localizam os elementos do sintagma no espaço, assim, a variante *ni* funciona como preposição locativa da mesma forma que a preposição canônica *em* nos excertos (10) e (11).

(10) ADE4MI: mas assim... eu particularmente nunca passei por uma situação traumática como **lá em** Salvador mas eu tenho conhecidos que já passaram...

(11)ALI4FI: eu não sei como eu iria reagir mas em São Cristóvão eu vi história de assalto... mas ainda ainda não presenciei violência **aqui em** Aracaju nenhuma eu ouvi dizer mas

Nos **nomes**, foram agrupados os substantivos, adjetivos, numerais e pronomes. A preposição *em* apresentou 94,4% e *ni* 5,7%. A preposição *em* pode funcionar como complementadora do sintagma anterior a ela, como no excerto (12), a forma *ni* é usada como introdutor do complemento nominal *mecânica*, que complementa o sentido de *tradição*. Assim como acontece em (13), a preposição *em* introduz o complemento *nutrição* do sintagma anterior *mestrado*.

(12)BRE1MF: “um dos polos assim que é bastante visado é a universidade de Paraíba já tem uma **tradição ni** mecânica... e lá eu... acho que tem *mestrado*”

(13)AGN2MI: minha irmã que é mais velha que eu... ela faz **mestrado em** Nutrição aqui... e a mais nova tá fazendo Enfermagem...

Na classe dos **verbos** no contexto antecedente, a preposição *em* obteve 96,83%, enquanto a forma *ni* apresentou 3,17% das ocorrências. Entre outras funções, *em* é introdutora de complemento verbal e adjunto adverbial. Nos contextos exemplificados nos excertos a seguir, observamos a variante *ni* funcionando como introdutora de objeto direto (14) e adjunto adverbial (16), assim como a preposição *em* (15), (17).

(14)DAN2MF: pra um lugar mais perto porque tipo... eu não quero ficar longe assim tão longe da minha família mas também **tou pensando ni fazer** tipo uma pós e *mestrado*... e depois indo aí então e tentar ensinar em algum lugar

(15)ADR1MI: eu ia aguentar até meu nome sair na... aí eu pa- eu sabia que eu ia **passar ni Português Francês**... aí eu coloquei... aí... aí eu não **passei em Português**

(16)DOCC: é todo mundo primeiro período? Como é isso?

GRA3FI: não... você pode **entrar ni uma residência** numa nova residência que são todos do primeiro período provavelmente.

(17)CLA2FI: olha dependendo do meu tempo sim... porque como eu **moro em povoado** eu passo muito tempo... eh me deslocando do Povoado Tanque pra cá e aí... eh... fica cans- a viagem deixa a gente muito cansativa e desestimular um pouquinho...

A relação entre as preposições e a classe antecedente mostra que a forma *ni* não ocupa todas as posições que a preposição *em* pode ocupar, como no caso do item determinante, em que a variante *ni* apresentou maior percentual em relação aos outros itens, mas em contextos de planejamento linguístico. O contexto de articulador foi mais produtivo para a ocorrência da forma *ni* em relação às outras classes, indicando que a variante também está entre as opções de uso dos falantes para articular a sua fala.

4.1.5.2 Classe posterior

A classe posterior está relacionada ao contexto seguinte às preposições *em* e *ni*, e se divide em determinante, infinitivo, nome e pronome, além da pausa e do reparo. Essa variável também pode indicar a regularidade de uso da forma *ni* por parte dos estudantes da comunidade de práticas UFS e o seu encaixamento no sistema linguístico. A diferença é estatisticamente significativa ($\chi^2 = 57,301$, $df = 5$, $p < 0,0001$).

Gráfico 6: Distribuição de *em* e *ni* por classe posterior



Na categoria **determinante**, no contexto posterior, a preposição *em* apresentou um percentual de 90,7% das ocorrências, enquanto a variante *ni*, 9,3%.

(18) JOS3MF não tin- a minha escola não... tem uma base muito boa né? de ensino então sentia algu- algumas dificuldades **ni algumas** matérias e eu via outros indo bem superior

(19) independente disso vai ter lá uma carga horária que no final do... semestre... ela vai contar e vai dizer "olhe... embora cê tenha passado **em todas** as provas... você tá reprovado por causa de falta"

O determinante é usado para introduzir o núcleo do sintagma nominal que é representado por um substantivo, e pode vir antes ou depois da preposição, no caso do excerto (18) a forma *ni* acompanha o determinante *algumas* fazendo referência a *matérias* como uma forma de restringir a quantidade de matérias nas quais o estudante tem dificuldade. Do mesmo modo ocorre no excerto (19), a preposição *em* acompanha o determinante *todos* se referindo ao núcleo *provas*.

No contexto posterior, a categoria verbo realiza-se somente na forma de **infinitivo**, e a preposição *em* apresenta um percentual de 97,8% dos dados enquanto *ni* apresenta 2,2%

(20) JOS3MF: "também não deci- assim eu não teria problema **ni sair** pra outro estado... mas também não teria pro- problema de atuar aqui no meu estado desde"

- (21)MAR4FF: quando eu vim pra cá é muito mais difícil do que eu imaginei tou tendo muita dificuldade **em enfrentar** as matérias... então... eu sempre tive uma média muito alta né? na minha vida estudantil mas quando eu cheguei aqui... meu terceiro no terceiro período que eu que foi o baque...

As preposições acompanhadas de infinitivo também funcionam para ligar sentenças, constitui objeto indireto, no caso dos excertos (20) e (21) a variantes funcionam da mesma forma, ligam sentenças com o verbo na forma nominal.

A categoria referente a nomes no contexto seguinte apresenta as formas variantes introduzindo sintagma nominal e adverbial, a preposição *em* apresentou um percentual de 94,1% nessa categoria, já a forma *ni*, 5,9%. Como o roteiro de entrevista apresentava questões referentes ao lugar de origem dos estudantes e possibilidade de migração em função do mercado de trabalho, foram muito comuns as ocorrências das preposições se referindo a espaço; além disso, as questões referentes ao curso e à vida acadêmica possibilitaram a ocorrência das preposições *em* e *ni* se referindo a nomes específicos abstratos, como os nomes de cursos e disciplinas.

- (22)DOCC: você participa de algum projeto de pesquisa aqui?
 GRA3FI: não ainda não
 DOCC: mas pretende?
 GRA3FI: sim eu até tava pensando n- na verdade **ni iniciação científica**... entrar com o meu professor que é do departamento... aí ainda tou vendo a possibilidade... fui aprovada mas () vendo a possibilidade em questão de transporte e tal
- (23)RON2MF: Agronomia ainda sonho em fazer uma segunda graduação **em Agronomia**... e é assim né? tem algo... isso
- (24)YAS2FF: e não foram e nem fizeram o meu boletim eu tive que fazer o boletim em outra cidade que foi **ni Lagarto** por isso que eu não considero... seguro... não é mesmo...
- (25)LET3FI: um lugar legal... deixe eu ver viu ... eh eu gosto do Parque dos Falcões **em Itabaiana** eu tenho vontade de ir minha irmã foi e ela falou que é muito legal e eu eu tenho vontade de ir...

A forma *ni* apresentou ocorrências tanto para se referir a nomes de lugares quando introduziam adjunto adverbial, como em (24) *ni Lagarto*, cidade do interior de Sergipe, quanto a substantivos abstratos como nomes de projetos e disciplinas *ni iniciação científica*; esse padrão de uso sinaliza que, nesta posição a forma *ni* ocorre nos mesmos contextos que *em*.

Um dado referente ao contexto posterior nos chamou a atenção. Como mencionado na seção 4.2.3 de levantamento dos dados, foram excluídas 314 ocorrências de *em* referentes a locuções prepositivas como *em relação a*, *em geral*, *em comparação a*, *em torno de*, entre

outras, truncamentos e expressões cristalizadas como *hoje em dia*, *de quinze em quinze*, *com fé em Deus*, etc. todas elas com ocorrências categóricas de *em*; porém, o excerto (26) mostra que a forma *ni* foi usado em um contexto inesperado.

(26)DOCC: como é que você compara... eh essa outra cidade né? a cidade mais próxima da capital... com a cidade do interior que você morava?

GRA3FI: é bem diferente **ni questão** de segurança porque acaba tendo uma insegurança muito grande aqui no Rosa todo mundo se sente muito inseguro...

O uso da forma variante *ni* ocorreu em uma locução prepositiva *em questão de*, um uso que, segundo Vilela e Koch (2001), é inovador e correspondente à locução prepositiva *em relação a*. Essa ocorrência indica que a variante *ni* ocorre na fala dos universitários e em contextos linguísticos inovadores nos quais a forma *em* seria categórica.

Na categoria **pronome**, a preposição *em* teve um percentual de ocorrência de 96,6% enquanto a preposição *ni*, 3.4%.

(27)ELV2MF: “a prisão das pessoas as pessoas hoje elas vivem aprisionadas **ni suas** casas né?”

(28)CLA2FI: puxei à minha mãe apesar de não gostar disso porque têm muitos defeitos na minha mãe que eu percebo **em mim** e eu tento me controlar ela puxou mais ao meu pai assim

A forma *ni* também ocorreu antecedendo pronomes, com a função de adjunto adverbial como no excerto (27).

Os resultados referentes às variáveis linguísticas classe antecedente e classe posterior mostraram que a variante *ni* ocorre em quase todos os contextos das classes antecedente e posterior. Embora haja uma preferência massiva em relação à preposição *em*, é possível notar que a variante *ni* ocorre com certa regularidade nos mesmos contextos linguísticos que *em* como mostrado nos exemplos, e até mesmo em contextos inovadores, como no caso do excerto (26).

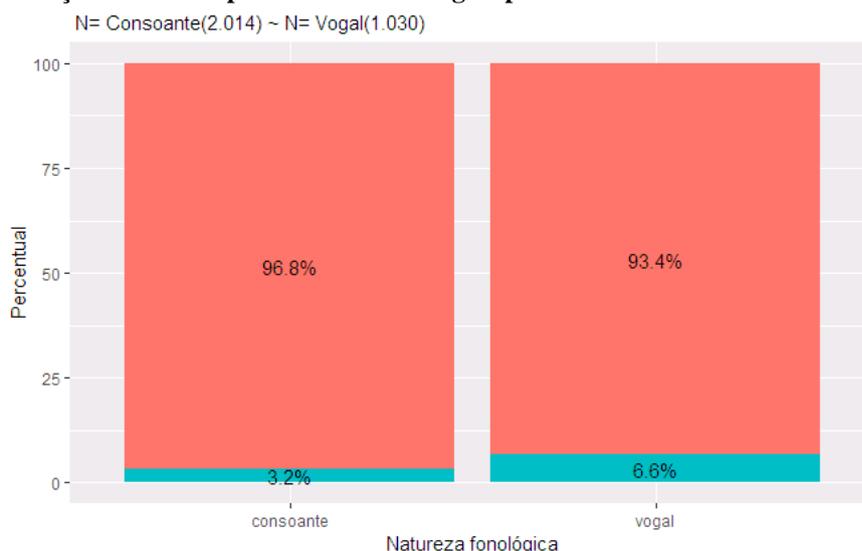
Para os contextos linguísticos, a hipótese era de que os estudantes fariam uso da forma *ni* nos contextos linguísticos com o mesmo valor da preposição canônica *em*; esse resultado representaria uma divergência de uso em relação ao realinhamento do código linguístico dos estudantes, no entanto esse resultado mostraria a regularidade da forma inovadora, por esta não sofrer estigma social no ambiente universitário. A hipótese não foi inteiramente confirmada, pois na categoria de determinantes da classe antecedente não houve ocorrência de *ni*; por outro lado, a classe posterior mostrou a preposição *ni* sendo usado em locução

prepositiva, contexto que se esperava o uso categórico de *em*. Os resultados da preposição *ni* referentes às variáveis linguísticas indicam a divergência dos alunos na direção ao código linguístico da variedade de prestígio presente na universidade, essa divergência relaciona-se com a dimensão subjetiva, os estudantes divergem e sabem que divergem, pois a forma é percebida e aceita na comunidade.

4.1.5.3 Natureza Fonológica

O controle da natureza fonológica do contexto seguinte é um elemento importante para aferir a hipótese de que a preposição *ni* é resultado de processos morfofonêmico que acontecem na proposição *em*: pela influência das formas amalgamadas *na no*, *ni* representaria um gênero neutro. Na amostra, sua distribuição é estatisticamente significativa ($\chi^2 = 18,445$, $df = 1$, $p < 0,0001$).

Gráfico 7: Distribuição de *em* e *ni* por natureza fonológica posterior.



O gráfico 7 mostra a distribuição de ocorrências das preposições *em* e *ni* em relação ao contexto seguinte que se refere à natureza fonológica posterior. O percentual de ocorrência de *em* antes de consoante foi de 96,8% enquanto o *ni* obteve 3,2% do total de ocorrências. Para o contexto de vogal a preposição *em* apresentou 93,4% das ocorrências, já a forma *ni* apresentou um percentual de 6,6%. Nota-se que o contexto de vogal foi mais favorável à forma *ni* do que o de consoante. Mesmo com um percentual baixo, esse resultado corrobora nossa hipótese de que o *ni* tenha decorrido de regularização morfológica a partir de processos morfofonêmicos e que as contrações *na no* tenham influenciado esse processo. Como as contrações são constituídas a partir da junção de preposições com vocábulos que

acompanham o sintagma nominal, e por esse motivo concordam em gênero e número, a preposição *ni* seria uma representação dessas contrações para se referir ao gênero neutro.

4.2 DIMENSÃO SUBJETIVA: OS REPAROS

Os reparos são usados como recursos para a reformulação do discurso. Fonseca (2004) assinala que, em uma interação, os participantes desempenham papéis baseados em regras que eles mesmos interiorizam e buscam adequar seu comportamento a regras do seu contexto social. Para isso, é necessário que eles sejam capazes de fazer escolhas linguísticas de forma apropriada para entender o enunciado que vem de seu interlocutor e respondê-lo com coerência. É nessa troca que pode acontecer a reformulação: o falante usa estratégias para sanar “erros” ou “infrações” cometidos durante o seu discurso.

Ao fazer uma reformulação ou um reparo, o falante sinaliza que tem consciência do seu uso linguístico, por isso estamos considerando o reparo/reformulação como uma pista de acomodação subjetiva.

A reformulação por correção é definida por Barros (1993), a partir de Gülich e Gotschi (1987), como uma estratégia que objetiva levar o interlocutor a reconhecer a intenção do falante e garantir a intercompreensão. A correção e o reparo acontecem como maneira de solucionar infrações materializadas no discurso que podem ser identificadas ou reparadas por quem comete ou por quem ouve. O estudo de Barros (1993) apresenta exemplos de reformulação por correção de violação da norma linguística em inquéritos do NURC. A interação entre indivíduos cultos apresentou poucas ocorrências de correção e reparo; a pouca frequência de “erros” e de correções mostra a preocupação dos falantes com os “bons” usos da língua, ou seja, a consciência da norma, como no excerto (29).

(29)mas muitas manifestações que poderiam me interessar aqui... já foram... eu creio...
tratados por out/ tratadas por outras pessoas (BARROS, 1993, p. 50).

Neste excerto, a correção acontece no momento em que o falante interrompe a si mesmo para reparar o desvio na concordância de gênero, reelaborando sua fala para o que ele entende como mais adequada.

(30)“a gente quer saber agora as quais as razões que faz... que fazem com que ah (estou) meio preocupado (com o gravador) ((risos))... eh... que fazem eh... ah quais as razões que levam as pessoas a... (BARROS, 1993, p. 51).

A autora explica a preocupação do informante no excerto (30) com a correção. Este reelabora o discurso e por um momento não tem certeza do uso correto da concordância, no

final o falante acaba substituindo o verbo *fazer ~ fazem* por *levar ~ levam*, concluindo o enunciado.

No entanto, como afirma Barbosa (2000), em uma interação, os falantes recorrem aos reparos por vários motivos e não apenas para adequação gramatical, para explicitar, para atenuar, para enfatizar o argumento, etc. ferramentas que podem indicar o monitoramento de eventuais dificuldades de processamento.

Os excertos de reparo das preposições *ni* e *em* podem sinalizar a adequação ao processo morfofonêmico, o monitoramento do falante e sua consciência quanto ao valor social que forma exprime. Os exemplos de reparos identificados por Barros (1993) mostram a preocupação do falante em se afastar de um vocábulo que denota algum tipo de irregularidade ou desprestígio no juízo de valor social por parte de um dos interactantes; esse processo leva à correção, vista também como um ato de reformulação na interação. No caso das formas variantes *em* e *ni*, o reparo que indica adequação morfológica acontece quando o sintagma que a forma introduz exige a marcação de gênero, todavia, se o segmento que a preposição introduz não exigir o artigo, e o interactante repara de *em* para *ni*, indica que tal forma não carrega valor social negativo, pois está entre os recursos do interactante como forma de correção. Já o caso de uma reparação de *ni* para *em*, por exemplo, representaria uma correção gramatical, visto que a preposição *em* tem valor abonado por instrumentos normativos e a variante *ni*, apesar de usada, ainda é considerada inadequada, inclusive no juízo do falante que repara naquele contexto.

Tendo em vista o processo de regularização morfológica e as estratégias de convergência na dimensão objetiva da teoria da acomodação, entendemos que o reparo pode dar pistas que indicam a divergência subjetiva, pois os estudantes percebem a forma como não canônica e, mesmo assim, a usam por não ser estigmatizada socialmente.

Temos por hipótese que as operações de reparo feitas da preposição *em* para a variante *ni* indicam que a forma inovadora não carrega estigma por parte dos estudantes da amostra de deslocamentos, visto que a forma está entre as opções de uso para a reparação e não é corrigida pelos membros da comunidade. A reparação da variante *ni* para a preposição *em* reforça esse argumento, pois a escolha de uso da forma *ni* no lugar da preposição *em* indica que a forma inovadora é percebida e usada com regularidade pelos universitários.

A realização da forma *ni* substituindo a preposição *em* nos contextos em que o sintagma nominal que é introduzido por ela não necessita ser marcada pelo artigo, apresentando um indício de que a forma seja resultado de processo morfofonêmico. Das 114

ocorrências da preposição *ni* identificadas na fala dos estudantes, 4 foram em contexto de reparo; e dos 18 dados identificados na fala das documentadoras 1 foi operação de reparo.

- (31)SOA3MF: mas esses caras eles são eles tão fazendo Direito ma- estão dizendo que tão fazendo Direito mas não estão fazendo Direito coisa nenhuma... tem uma definição de um autor que a gente lê lá **no no ni** Introdução ao Curso de Direito que é Tércio Sampa-Sampaio Júnior ... ele (se) tem um livro chamado introdução ao curso de Direito

No excerto (31), o informante fala sobre pessoas que dizem estar fazendo Direito, mas, na opinião dele não estão, e procura definir o curso de Direito a partir de um livro chamado *Introdução ao Curso de Direito*. Para se referir ao livro, o informante usa a contração *no* duas vezes e repara com *ni* para introduzir o sintagma nominal *Introdução ao Curso de Direito*, título do livro. Neste caso a contração *no* poderia ser reparada para *em*, mas o informante a substitui por *ni*, sinalizando que a forma *ni* é usada com o mesmo valor da preposição *em* e que não é objeto de correção gramatical.

- (32)DOCC: a cidade onde você nasceu?
 JOS3MF: Boquim
 DOCC: onde você mora atualmente?
 JOS3MF: **ni no** Rosa Elze... próximo à UFS

O excerto (32) mostra um diálogo no qual a documentadora pergunta onde o estudante mora atualmente; ele usa a preposição *ni* para se referir ao bairro Rosa Elze, mas faz a correção para a contração *no* buscando correlacionar com o bairro, já que este infere o sentido de gênero masculino *o bairro Rosa Elze – o Rosa Elze*. Este uso sinaliza que a preposição *ni* está entre os recursos usados para introduzir adjuntos adverbiais da mesma forma que a preposição *em* e suas contrações, sem ser alvo de correção normativa.

- (33)MAR4FI: é porque quando eu fui morar em São Paulo eu queria passar lá UFS... e a prova ser muito difícil eu não consegui... aí por isso que eu tentei aqui como eu passei **ni no** que eu queria mesmo... e era federal eu acho que eu teria continuado em São Paulo pra... passar no que eu queria...
 DOCT: mas lá você ia tentar também Geografia?
 MAR4FI: foi geografia

O excerto (33) mostra a realização da preposição *ni* como opção de preposição para se referir ao curso da estudante: “como eu passei *no curso* que eu queria” ou “como eu passei *ni geografia*”. A estudante usa a preposição *ni* como um recurso para se referir ao curso e repara para o *no* pela exigência do gênero a que se refere.

- (34)DOCC: **em... ni** Umbaúba o que você fazia nas suas horas vagas? nos finais de semana?
 VIC3MI: bom... eu sempre variava sempre tem alguma coisa diferente pra fazer apesar de ser uma cidade pequena...

No excerto (34), temos um caso de reparo da preposição *em* para a variante *ni* feito pela documentadora DOCC quando questiona o interlocutor sobre sua rotina na cidade de

origem. Esse resultado reforça que a variante *ni* está integrada no repertório linguístico dos membros da comunidade de prática UFS. Tanto os informantes quanto as documentadoras, salvo DOCR, fizeram uso da variante *ni*.

(35)DOCT: e como era lá no Silvio Romero?

LUC3MI: eh... o

DOCT: cê estudou lá desde que eh da sé- do sétimo ano

LUC3MI: não num da sexta série a o... a oitava série eu estudei **no... ni** um colégio municipal... o Frei Cristóvão... aí no no médio eu fui pro pro Poli...

No excerto (35), a documentadora DOCT faz uma pergunta sobre a antiga escola do estudante LUC3MI; este, por sua vez, afirma não ter estudado no Silvio Romero no sétimo ano, mas em outro colégio, o Frei Cristóvão, e usa a contração *no*, mas repara para *ni*, como uma forma de indicar que seria um outro colégio, o Frei Cristóvão, não o Silvio Romero, como DOCT afirma. Neste caso, o estudante poderia ter usado *em um* ou até mesmo *num*, porém, fez uso da forma *ni* como forma de correção.

Ainda que poucos (mas proporcionais ao número de ocorrências), os excertos de reparo mostram que os informantes da amostra usam a preposição *ni* com regularidade, assim como usam a preposição *em* e as formas amalgamadas *na* e *no*: a variante *ni* substitui a preposição *em* para referenciar um gênero neutro, esses resultados reforçam a hipótese de que *ni* tenha decorrido de uma transformação morfofonêmica e que não é socialmente saliente, pois segundo Freitag (2018), a saliência está relacionada à consciência social de um traço em processo de variação e mudança, neste caso consideramos os reparos como uma forma de monitoramento e, considerando os resultados na dimensão objetiva, entendemos que os estudantes têm consciência do uso da preposição *ni*, a usam com regularidade na comunidade, sem estabelecer juízo de estigma.

4.3 ANÁLISE MULTIVARIADA

Na tabela (3) apresentamos os resultados da análise multivariada dos fatores estatisticamente significativos, os valores mostram o favorecimento da preposição *ni* associado aos fatores nas dimensões objetiva e subjetiva, valores do p-valor destacados em negrito.

Tabela 2: Regressão logística com efeitos mistos com os fatores estatisticamente significativos.

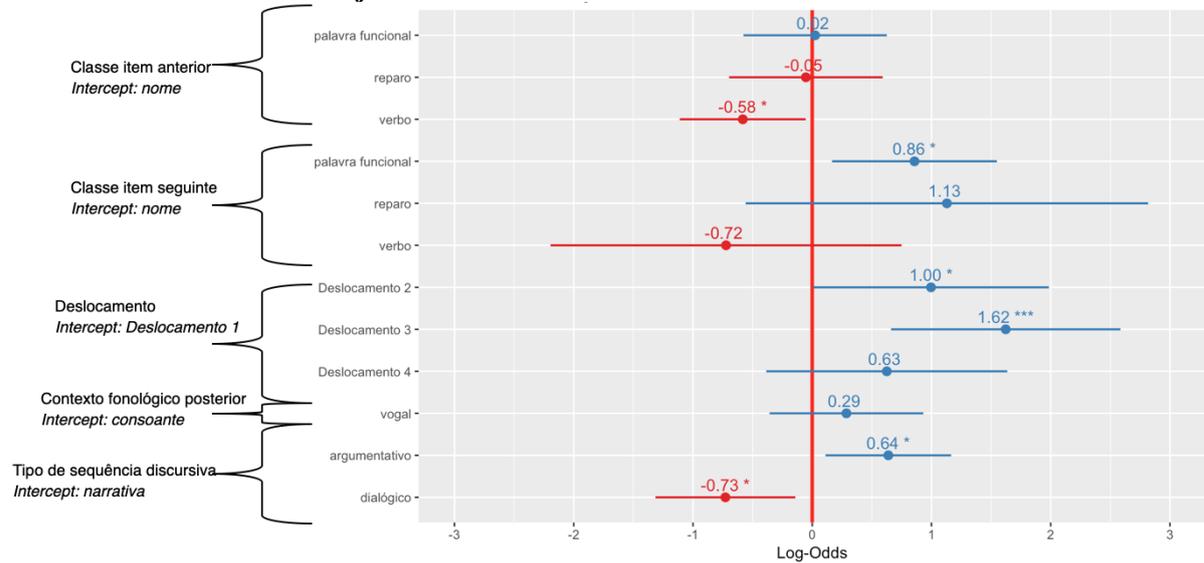
Uso de <i>ni</i> na variação em <i>~ ni</i>				
Efeitos fixos				
Fatores		Log-odds	Intervalo de confiança	p-valor
	(Intercept)	-4.96	-6.19 – -3.73	< 0.001
Deslocamento	Deslocamento 2	1.17	0.14 – 2.21	0.026
<i>Intercept: Deslocamento1</i>	Deslocamento 3	1.78	0.77 – 2.79	0.001
	Deslocamento 4	0.76	-0.29 – 1.82	0.156
Classe antecedente	nome	0.59	0.06 – 1.12	0.028
<i>Intercept: verbo</i>	modificador	0.22	-0.49 – 0.93	0.545
	articulador	1.09	0.26 – 1.91	0.010
	determinante	1.26	-0.08 – 2.60	0.065
	reparo	1.03	-0.09 – 2.14	0.072
	pausa	0.36	-0.31 – 1.02	0.294
	pronome	-0.29	-1.87 – 1.30	0.722
Classe seguinte	nome	-0.88	-1.64 – -0.12	0.024
<i>Intercept: determinante</i>	infinitivo	-1.57	-3.14 – -0.01	0.049
	reparo	1.02	-1.22 – 3.26	0.374
	pausa	-0.07	-2.67 – 2.52	0.955
Tipo de texto	dialógico	-0.68	-1.28 – -0.08	0.025
<i>Intercept: narrativa</i>	argumentativo	0.71	0.18 – 1.24	0.009
Natureza fonológica seguinte	vogal	0.27	-0.39 – 0.93	0.422
Efeitos aleatórios				
σ^2		3.29		
τ_{00} Item seguinte		1.57		
τ_{00} Estudante		0.96		
τ_{00} Documentadora		0.00		
ICC Item seguinte		0.27		
ICC Estudante		0.16		
ICC Documentadora		0.00		
Observações		3044		
Marginal R² / Conditional R²			0.141 / 0.514	

Intercept: “em”, fórmula = Ocorrendia ~ Deslocamento + Classe Anterior + Classe posterior + Tipo Sequência + Natureza fonológica + (1 | Estudante) + (1 | Item) + (1 | Documentadora)

Considerando os valores no modelo da tabela 3, para dar mais visibilidade aos resultados, foi realizada a recodificação dos contextos anterior e posterior em apenas quatro níveis: nome, verbo, palavras funcionais (modificadores, determinantes, nomes, conectivos) e

reparos (reparos e pausas). O gráfico 8 mostra o nível de significância atrelado ao favorecimento e desfavorecimento da preposição *ni*.⁹

Gráfico 8: Efeitos do modelo ajustado.



Intercept: “em”, fórmula = Ocorrência ~ Deslocamento + Classe Anterior + Classe posterior + Tipo Sequência + Natureza fonológica + (1 | Estudante) + (1 | Item). Em azul, favorecimento de *ni*; em vermelho, desfavorecimento de *ni*; asteriscos indicam nível de significância.

No gráfico 8, os pontos em azul se referem ao favorecimento da preposição *ni* nos contextos controlados, já os pontos vermelhos correspondem ao desfavorecimento da variante em relação aos níveis do intercept. O primeiro fator apresentado no gráfico é a variável linguística classe antecedente, o item palavras funcionais favoreceu o uso da variante *ni*, já os itens reparo e verbo desfavoreceram este uso.

Na variável classe posterior, houve um desfavorecimento no uso da preposição *ni* referente a verbo; os reparos no contexto posterior se mostraram favoráveis ao uso da variante, com alto nível de significância. O reparo, neste contexto, favoreceu o uso da preposição *ni*, enquanto no verbo houve um desfavorecimento da variante *em*.

A variável deslocamento apresentou influenciou três grupos que são compostos por estudantes com maiores deslocamentos, os alunos do interior de Sergipe (deslocamento 2) favorecem o uso da variante *ni*, com diferença significativa em relação àqueles que nasceram e se criaram na Grande Aracaju (deslocamento 1). O grupo de estudantes do interior, que migraram para Aracaju, também favorece o uso desta preposição com um nível significativo.

⁹ As análises estatísticas usam a função `glmer` do pacote `lme4`, para os modelos de regressão com efeitos mistos, e a função `plot_model`, do pacote `sjPlot` para os gráficos de efeito.

Por fim, a variável tipo de sequência discursiva favorece uso da preposição *ni* no tipo argumentativo, enquanto o tipo diálogo desfavorece este uso. Os resultados da análise variacionista do uso da preposição *ni* reforçam o contexto de favorecimento do uso dessa variante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste estudo foi descrever o padrão da variação entre as preposições locativas *em* e *ni* em função do deslocamento geográfico dos estudantes e suas estratégias de acomodação. As hipóteses assumidas foram: i) a variante *ni* é decorrente de uma regularização morfológica de *em*, como afirma Castilho (2010); ii) há efeitos de deslocamento na variação entre as preposições *em* e *ni*, devido ao contato linguístico de estudantes de diferentes comunidades em uma mesma comunidade de práticas

Na seção 1 deste trabalho, apresentamos as políticas públicas que permitiram relacionar a variação nas preposições locativas *em* e *ni* ao contato linguístico promovido pela mobilidade geográfica decorrente das transformações no acesso à comunidade de práticas UFS, como as medidas de expansão e democratização, bem como a Lei de cotas e o SISU, que permitiram o acesso de um novo perfil de aluno nas universidades, além de promover o contato entre estudantes de diferentes regiões do Brasil em um mesmo ambiente.

Introduzimos as abordagens de primeira, segunda e terceira onda dos estudos sociolinguísticos, descrevemos o constructo de comunidades de práticas e detalhamos as transformações na comunidade de práticas UFS em função das políticas de expansão da educação superior, migração e deslocamentos. Além disso, introduzimos o conceito de contato linguístico estabelecendo relações com o traço linguístico em análise, a variação nas preposições locativas *em* e *ni*.

A seção 2 foi dedicada à Teoria da Acomodação à Comunicação, proposta por (GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991), que trata do processo de realinhamento de padrões de seleção de código linguístico em função das crenças atitudes e do contexto social, de modo que o falante pode adaptar ou não a sua fala levando em consideração as características do ouvinte a fim de obter a solidariedade ou a dissociação do interlocutor. Discutimos os conceitos de convergência e divergência atrelada às dimensões objetivas e subjetivas da acomodação.

Contextualizamos o fenômeno linguístico estudado, descrevendo, com base em estudos anteriores, hipóteses para a origem da forma inovadora, sua regularização morfológica atrelada a processos morfofonêmicos, e os padrões de uso; apresentamos, ainda indícios de percepção do uso das preposições locativas *em* ~ *ni* em tratamento societal.

A terceira seção foi dedicada à descrição dos procedimentos metodológicos realizados para permitir a relação entre a variação nas preposições locativas *em* ~ *ni* e contato linguístico decorrente da mobilidade geográfica dos estudantes. Neste capítulo, descrevemos os passos para obtenção dos resultados em relação à dimensão objetiva, com os tipos de deslocamentos, tempo de curso, sequência discursiva, variáveis linguísticas, papel interacional, além das hipóteses, dos instrumentos de coleta, e da forma de tratamento dos dados. Já para a dimensão subjetiva apresentamos como se deu o processo de análise das operações de reparo e reformulação.

Na quarta seção discutimos os resultados apresentados para o uso das preposições *em* e *ni*. Na dimensão objetiva os resultados gerais das ocorrências mostraram um percentual de 96% de uso para a preposição canônica *em* e 4% para a forma variante *ni*. Em relação aos deslocamentos controlados na amostra, os estudantes dos deslocamentos II e III, que são do interior do estado de Sergipe, foram os que fizeram maior uso da variante *ni*, seguido do deslocamento IV, que são os fora de Sergipe, e os do deslocamento I, oriundos da capital Aracaju. Tal resultado confirma a hipótese de que os estudantes do grupo de origem interiorana fariam maior uso da variante *ni* em relação aos outros deslocamentos, pois, de acordo com outros estudos, essa forma é associada à fala de pessoas de regiões rurais.

A variável tempo de curso não mostrou diferença estatisticamente significativa para uso da forma *ni*, tanto os estudantes do tempo inicial quanto do tempo final usaram a forma quase na mesma proporção, não confirmando a hipótese de acomodação.

O tipo de texto argumentativo foi o que mais favoreceu o uso da forma variante *ni*, resultado que refutou nossa hipótese para esse fator, mas corrobora a hipótese de que o uso dessa variante é percebido e aceito sem carregar estigma social, ocorrendo em contextos monitorados.

No que tange aos fatores linguísticos, a classe precedente correspondeu ao contexto anterior a que as formas *em* ~ *ni* acompanham os sintagma; tendo considerado elementos agrupados nas categorias de articulador, determinante, modificador, nome e verbo; a classe antecedente que mais favoreceu o uso da variante *ni* foi a de articuladores, já em relação à classe posterior agrupamos as categorias de determinante, infinitivo, nome e pronome, no qual o determinante maior favorecimento da variante *ni*, sendo assim mais recorrente. Os resultados referentes ao fator natureza fonológica posterior mostram vogais como o ambiente mais favorecedor da preposição *ni*, este resultado pôde ser relacionado ao processo

morfonêmico ao qual passou a preposição *em* para constituir as formas amalgamadas *na* e *no*, e de que possivelmente a variante *ni* tenha se originado.

Para os resultados referentes à dimensão subjetiva, foram analisadas as operações de reparos. Esse recurso mostrou que, quando a forma *ni* foi reparada para as formas amalgamadas de *em* (*na*, *no*), a intenção do falante era motivada pela exigência de marcação de gênero pelo sintagma que ele introduzia. O fato de o reparo ter sido feito de *em* para *ni* mostra que a forma é regular e não é corrigida, já que está entre os recursos para marcar função de preposição, assim como a forma canônica *em*.

Por fim apresentamos a análise variacionista da preposição *ni* na variação *em* ~ *ni* e os fatores que favoreceram seu uso com resultados estatisticamente significativos. Palavras funcionais das classes anterior e superior, reparos no contexto posterior, os deslocamentos II, III, vogal na natureza fonológica e argumentação na sequência discursiva forma os fatores que favoreceram, significativamente o uso da preposição *ni*. Os resultados apresentados contribuíram para responder aos nossos questionamentos iniciais. Pela dimensão objetiva, a variante *ni* ocorre na fala dos universitários da comunidade de práticas UFS.

Estudos sobre a variação *em* ~ *ni* associam sua origem às dinâmicas de contato entre as línguas africanas e o português no período de colonização do Brasil (SOUZA, 2015; 2013; FERRARI, 1997), por esse motivo compreendem que as comunidades nas quais a forma é percebida, tenham sofrido influência desses contatos. No entanto, neste estudo trazemos evidências para a hipótese de que essa forma pode ser resultado de processo morfofonológico motivado por pressões fonológicas e semânticas, transformações comuns da língua. Constatamos também que o *ni* ocorre de forma regular na fala dos informantes da amostra, e que não carrega estigma social.

Os resultados obtidos contribuem para traçar o caminho da mudança linguística pela qual passa a variante *ni*, a partir da identificação das forças que atuam no encaixamento linguístico e social.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE; D. B. NASCIMENTO; A. M. *O locativo ni na fala sergipana: uma interpretação à luz do contato de línguas. Interdisciplinar – Revista de Estudos em Língua e Literatura, Itabaiana, vol. 17, n. 2, p. 99-110, jun. 2013.*

ANDRADE, S. R. J. A expansão no acesso à educação superior no Brasil e a presença do novo aluno nas instituições de ensino superior. In: 10º Encontro internacional de formação de professores, 2017, Aracaju. *Anais do 10º encontro internacional de formação de professores, 2017.*

ANDRADE, S. R. J. Leitura e Escrita Acadêmica: Perspectivas De Coordenadores Dos Cursos De Graduação In: 11º Encontro internacional de formação de professores, 2017, Aracaju. *Anais do 11º encontro internacional de formação de professores, 2018.*

BYBEE. J. L. Língua, uso e cognição / Joan Bybee; tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica: Sebastião Carlos Leite Gonsalves – São Paulo: Cortez, 2016.

BARBOSA. B. T. *O fenômeno do reparo na fala. Veredas, v. 4, n. 1 - UFJF. Juiz de Fora, Minas Gerais. P. 91-109, 2000.*

BARROS, D. L. P. de. *Procedimentos de reformulação: a correção. O processo interacional.* IN: Preti, Dino (org.). *Análise de textos orais. vol. 1, 2 ed. São Paulo: Janeiro, Vozes, 1993.*

BAXTER, A. *A contribuição das comunidades afro-brasileiras isoladas para o debate sobre a crioulação prévia: um exemplo do estado da Bahia.* In: D'ANDRADE, E.; KIHM, A. (Org.). *Actas do Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa. Lisboa: Colibri, 1992.*

BORTONI-RICARDO, S. M. *Um modelo para a análise sociolinguística do português brasileiro.* In: BAGNO. M. *Linguística da Norma, 2 ed., São Paulo: Loyola, 2004.*

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, que dispõe sobre o ingresso nas Universidades Federais e nas instituições Federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12711.htm>. Acesso em: 08 set. 2018.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 jun. 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em: 08 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Censo da Educação Superior 2013.* Brasília, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria Normativa n. 2, de 10 de janeiro de 2010. Institui e regulamenta o Sistema de Seleção Unificada, sistema informatizado gerenciado pelo Ministério da Educação, para seleção de candidatos a vagas em cursos de graduação

disponibilizadas pelas instituições públicas de educação superior dele participantes. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF, 27 jan. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. *A democratização e expansão da educação superior no país 2003 – 2014*. Brasília, 2014.

BRITTO, L. P. L.; SILVA, E. O.; CASTILHO, K. C.; ABREU, T. M. Conhecimento e formação nas IES periféricas: perfil do aluno “novo” da educação superior. *SciELO*, Campinas/SP; Sorocaba/SP, v. 13, n. 3, p. 777-791, nov. 2008.

CÂMARA Jr., J. M. *Dicionário de Filologia e Gramática: Referente à Língua Portuguesa*. 2a. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon. 1960

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CAVALIERE, R. *Pontos essenciais em fonética e fonologia*. – (Pontos essenciais) Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CHACON, K. A. *Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa*. 2012. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2012.

CORCINI, M. M.; BONETI, L. W. As Políticas Públicas de Acesso à Educação Superior no Brasil: Uma Avaliação Parlamentar. In: VI Educere – Congresso Nacional de Educação, 2006, Curitiba. *Anais do VI Educere - Congresso Nacional de Educação*, 2006.

CORREA, T. R. A. A variação na realização de /t/ e /d/ na comunidade de práticas UFS: mobilidade e integração 2019. 120 fs. Mestrado em Letras – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

DAVELUY, M. Language, mobility and (in)security: A journey through Francophone Canada. In: MEYERHOFF, M.; NAGY, N. *Social Lives in Language: Sociolinguistics and multilingual speech communities*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2008.

ECKERT, P. Communities of Practice. In: BROWN, K., Ed., *Encyclopedia of Language and Linguistics*, 2nd Edition, Elsevier, Amsterdam, 2006, p. 683-685.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, n.41, 2012, p.87-100.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Org.). *Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola, 2010[1992].

FARACO, C. A. *Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2008.

FERRARI, L. V. Variação e cognição: o caso das preposições locativas em e ni no português do Brasil. *Revista ANPOLL*, nº 3, 1997, p. 121-133. FFLCH/USP, 1997.

FREITAG, R. M. K. Banco de dados falares sergipanos. *Working Papers em Linguística*, v. 14, p. 156-164, 2013.

FREITAG, R. M. K.. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. *Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada - DELTA*, v. 32, p. 889-917, 2016.

FREITAG, R. M. K.; SANTOS, A. O. Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe. In: LOPES, N. da S.; ARAÚJO, S. S. de F.; FREITAG, R. M. K. (Org.). *A Fala Nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia*. São Paulo: Blucher, 2016, p. 109-122.

FREITAG, R. M. K. *Saliência estrutural, distribucional e sociocognitiva*. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 40(2), e41173, 2018.

FREITAG, R. M. K. Dissecando a entrevista sociolinguística: estilo, sequência discursiva e tópico. In: Görski et alii (Ed.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014, p. 125-141.

FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G.; ROST-SNICHELOTTO, C. A.; TAVARES, M.A. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. *Todas as letras*, v. 18, n. 2, 2016, p. 64-84.

FREITAG, R. M. K.; SANTANA, c. C.; ANDRADE, t. R. C. . Práticas constitutivas do povoado Açuzinho. *Ambivalências*, v. 2, p. 194, 2014.

FREITAG, R. M. K., MARTINS, M. A., & TAVARES, M. A. (2012). Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa: Revista de Linguística*, 56(3), 917-944.

GILES, H.; COUPLAND, J.; COUPLAND, H. *Accommodation theory: communication, context and consequence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

HELLWIG, B.; GEERTS, J. ELAN – Linguistic Annotator. Versão 4.4.0. Disponível em <http://www.mpi.nl/corpus/manuals/manual-elan.pdf>. Último acesso em 11/02/2014.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil. In: OLIVEIRA, L. A. P. de; OLIVEIRA, A. T. R. de (org.). *Estudos e análises informação demográfica e socioeconômica*, n. 1, Rio de Janeiro, 2011.

JESUS, J. M. Formação para a docência vs. *Permanência na Universidade: Efeitos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência PIBID*. 2018. 130 fs. Doutorado em andamento em Educação – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

KEWITZ, V.; ALMEIDA, M. L. L.; SOUZA, J. L. GONÇALVES, C. A. As Preposições: Aspectos Históricos e Usos Atuais. In: *História do português brasileiro: mudança sintática das classes gramaticais: perspectiva funcionalista/ Aroldo Andrade [et. al.]; coordenador: Célia Regina Lopes; coordenador geral: Ataliba T. de Castilho – São Paulo: Contexto, 2018 p. 294-383*

KLEPPA, L. A forma da preposição na fala de uma criança. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 3, n. 5, agosto de 2005. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br]. Acessado em 29 de janeiro de 2019.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LEE, E. S. Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, H. A. (org.). *Migração interna: textos selecionados*. Fortaleza, BNB/ENTENE, 1980[1966], p. 89-114.

LIMA, I. S.; LUCENA, R.M. Influência de variáveis não linguísticas no processo de acomodação dialetal do /s/ em coda silábica por paraibanos em recife. *Revista Letrônica*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 161-178, jan./jun., 2013.

LOPES, N. S. BAXTER, A. NI no dialeto português dos Tongas de São Tomé (África). In: *IV Encontro da Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, 2006, Goiânia. IV Encontro da Associação de Estudos Crioulos e Similares: Caderno de Resumos*. Goiânia: Universidade Federal de Goiânia, 2006. v. único. p. 27-28.

LUCCHESI, D. BAXTER, A. A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Revista Estudos Linguísticos e Literários*, n. 19, mar. 1997.

MARTINS, M. S. *A palatalização de oclusivas dentais em contato dialetal*. 2008. 145f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

OLIVEIRA E SILVA, G.; MACEDO, G. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, A.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. (orgs.), *Variação ediscurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1996, p. 11-49.

OUSHIRO, L. Documentação do Projeto SP2010 – Construção de uma amostra da fala paulistana, 2013. Disponível em <http://projetosp2010.fflch.usp.br/producao-bibliograficaAndgt;>. Último acesso em 01 mai./2014a.

OUSHIRO, L. *Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas*. In: FREITAG, R. M. K. *Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística*. Blusher: São Paulo, 2014b.

MENEZES, C. R. C. Dinâmica Urbana do Bairro Rosa Elze: o papel das políticas públicas na transformação do espaço. *Revista Scientia Plena*, vol. 7, n. 11, nov. 2011.

MEYERHOFF, M. *Introducing sociolinguistics*. New York: Madison Ave, 2006.

OLIVEIRA, Kleber Fernandes de. SANTOS, Rosalvo Ferreira. *Anuário Estatístico da UFS: / org.* São Cristóvão: COPAC/PROPLAN. 2014 – 2016 p.185

PERINI, M. A. *Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola, 2010.

RISSE, M. S. Marcadores Discursivos basicamente interacionais. In: *A construção do texto falado*. Célia Spinardi Jubran (org) (Gramática do português culto falado no Brasil; v. 1 Coordenada por Ataliba T. de Castilho) p. 391-453 – São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, R. B. Marcadores discursivos interacionais na fala de adolescentes escolares: acomodação linguística e identidade social. 2016. 88f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe.

SOUZA, E. S. A preposição ‘ni’ no continuum rural-urbano de comunidades baianas. 2015. 140f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2015

VILELA, M.; KOCH, I. V. *Gramática da língua Portuguesa*: Coimbra. Almedina 2001

ANEXOS

ANEXO A (PERFIL SOCIAL DOS INFORMANTES)

Deslocamento I								
Informante	Sexo	Idade	Cidade de origem - Cidade atual	Bairro	Período	Com quem mora	Onde almoça	Curso
EVI1FF	Mulher	21	Aracaju/SE	Ponto Novo	7°	Familiares	Na UFS	E. Mecânica
ADR1MI	Homem	16	Aracaju/SE	Santa Maria	1°	Familiares	Na UFS	Letras Francês
BRE1MF	Homem	19	Aracaju/SE	São Conrado	7°	Familiares	Na UFS	E. Mecânica
CAS1MF	Homem	23	Aracaju/SE	Orlando Dantas	9°	Familiares	Na UFS	E. Mecânica
CLA1FF	Mulher	21	Aracaju/SE	Jardins	7°	Familiares	Em casa	E. Mecânica
CRI1FF	Mulher	30	São Cristóvão/SE	Alto Divinéia	8°	Familiares	Na UFS	Farmácia
DAN1FI	Mulher	18	Aracaju/SE	18 do Forte	1°	Familiares	Na UFS	M.Veterinária
GRE1MF	Homem	24	Aracaju/SE	Luzia	9°	Familiares	Na UFS	E. Elétrica
JEA1MI	Homem	17	Socorro/SE	Taiçoca	1°	Familiares	Em casa	Ed. Física
JUC1FF	Mulher	28	Aracaju/SE	Jabotiana	10°	Familiares	Na UFS	Zootecnia
KEV1MI	Homem	18	Aracaju/SE	Ponto Novo	1°	Familiares	Na UFS	C. Biológicas
LAR1FI	Mulher	16	Aracaju/SE	Inácio Barbosa	1°	Familiares	Na UFS	L. Português
LOR1FI	Mulher	18	Aracaju/SE	Bugio	1°	Familiares	Na UFS	Letras Francês
LUI1MF	Homem	24	Aracaju/SE	São Conrado	9°	Familiares	Na UFS	E. Mecânica
MIL1FI	Mulher	16	Aracaju/SE	José Conrado	9°	Familiares	Em casa	Jornalismo
ROD1MI	Homem	18	Aracaju/SE	Luzia	9°	Familiares	Na UFS	Letras Inglês
Deslocamento II								
Informante	Sexo	Idade	Cidade de origem/ Cidade atual	Zona de residência	Período	Com quem mora	Onde almoça	Curso
AGN2MI	Homem	21	Itabaiana/SE	rural	3°	Familiares	Na UFS	E. Agronômica
ALI2FI	Mulher	20	Malhador/SE	urbana	1°	Familiares	Em casa	Geologia
CLA2FI	Mulher	19	Lagarto/SE	rural	1°	Familiares	Na UFS	Letras Francês
DAN2MI	Homem	18	Lagarto/SE	rural	1°	Familiares	Na UFS	E. Materiais
DOU2MF	Homem	25	Lagarto/SE	urbana	9°	Familiares	Na UFS	E. Elétrica
ELV2MF	Homem	20	Lagarto/SE	rural	7°	Familiares	Na UFS	E. Agronômica
ISA2FF	Mulher	20	Salgado/SE	urbana	7°	Familiares	Na UFS	E. Materiais
JHO2MI	Homem	19	Lagarto/SE	urbana	1°	Familiares	Na UFS	E. Mecânica
JUN2MF	Homem	22	Tobias Barreto/SE	urbana	8°	Familiares	Na UFS	Geografia
LAR2FF	Mulher	22	Lagarto/SE	rural	7°	Familiares	Na UFS	E. Agronômica
MAS2MF	Homem	24	Lagarto/SE	urbana	8°	Familiares	Na UFS	Geografia
NAT2FI	Mulher	19	Itabaiana/SE	urbana	3°	Familiares	Na UFS	M.Veterinária
NAY2FI	Mulher	18	Areia Branca/SE	urbana	3°	Familiares	Na UFS	Nutrição
RIC2MI	Homem	19	Gen. Maynard/SE	urbana	1°	Familiares	Na UFS	Artes Visuais
SAB2FF	Mulher	22	Lagarto/SE	urbana	9°	Familiares	Na UFS	Psicologia
YAS2FF	Mulher	21	Salgado/SE	rural	9°	Familiares	Na UFS	Geografia
Deslocamento III								
Informante	Sexo	Idade	Cidade de origem/ Cidade atual	Cidade Atual	Período	Com quem mora	Onde almoça	Curso
APA3MF	Homem	23	Boquim/SE	S.Cristóvão/SE	9°	sozinho	Na UFS	Zootecnia
BRE3FI	Mulher	17	Tobias Barreto/SE	Aracaju/SE	3°	sozinho	Na UFS	Nutrição
DAN3FF	Mulher	24	Lagarto/SE	S.Cristóvão/SE	10°	residentes	Na UFS	E.Civil
LUC3MI	Homem	17	Lagarto/SE	Aracaju/SE	1°	residentes	Na UFS	Geografia

ELA3FF	Mulher	23	Lagarto/SE	S.Cristóvão/SE	10º	residentes	Na UFS	E.Civil
EME3MF	Homem	19	Itabaiana /SE	Aracaju/SE	7º	sozinho	Na UFS	E.Mecânica
GEN3FF	Mulher	22	N. Aparecida/SE	S.Cristóvão/SE	7º	residentes	Na UFS	E. Agronomia
GRA3FI	Mulher	18	Simão Dias/SE	S.Cristóvão/SE	2º	residentes	Na UFS	Ed. Física
JOS3MI	Homem	21	Itabaiana/SE	S.Cristóvão/SE	1º	com amigo(s)	Na UFS	Ed. Física
LEI3FI	Mulher	17	Lagarto/SE	S.Cristóvão/SE	1º	residentes	Na UFS	Nutrição
LET3FI	Mulher	18	N.S.das Dores/SE	S.Cristóvão/SE	3º	com amigo(s)	Na UFS	Filosofia
LUR3FF	Mulher	24	Lagarto/SE	S.Cristóvão/SE	8º	residentes	Na UFS	E.Química
MAR3MF	Homem	24	Malhador/SE	S.Cristóvão/SE	9º	com amigo(s)	Na UFS	E. Alimento
RON3MF	Homem	23	Umbaúba/SE	S.Cristóvão/SE	8º	residentes	Na UFS	Geografia
SOA3MI	Homem	18	Tobias Barreto/SE	S.Cristóvão/SE	3º	com amigo(s)	Na UFS	Direito
VIC3MI	Homem	19	Umbaúba/SE	S.Cristóvão/SE	1º	com amigo(s)	Na UFS	C.e Audiovisual

Deslocamento IV

Informante	Sexo	Idade	Cidade e estado de origem	Cidade Atual	Período	Com quem mora	Onde almoça	Curso
ADE4MI	Homem	30	Salvador/BA	S.Cristóvão/SE	3º	residentes	Na UFS	Letras espanhol
DOU4MI	Homem	21	Paulo Afonso/BA	Aracaju/SE	3º	sozinho	Na UFS	C. Audiovisual
JEC4FF	Mulher	21	Itabuna/BA	S.Cristóvão/SE	7º	com amigos	Na UFS	E. Mecânica
MAR4FF	Mulher	22	F.de Santana/BA	Aracaju/SE	9º	sozinho	Em casa	E. Química
MAR4FI	Mulher	19	Euclides da Cunha	Aracaju/SE	1º	Familiares	Na UFS	Geografia
MAT4MF	Homem	24	Alagoinhas/BA	S.Cristóvão/SE	7º	com amigos	Em casa	E. Computação
MUN4FI	Mulher	19	Jequié/BA	S.Cristóvão/SE	3º	residentes	Na UFS	E. Materiais
RIC4MF	Homem	21	Jequié/BA	S.Cristóvão/SE	7º	com amigo(s)	Na UFS	M. Veterinária
ROB4MI	Homem	18	São Paulo/SP	Aracaju/SE	1º	sozinho	Na UFS	Enfermagem
VIC4MI	Homem	19	Campo Grande/MS	Aracaju/SE	1º	Familiares	Em casa	E. Petróleo
VIT4MF	Homem	32	Ilhéus/BA	S.Cristóvão/SE	10º	com amigo(s)	Na UFS	E. Alimento
WEL4MF	Homem	24	Alagoinhas/BA	S.Cristóvão/SE	7º	com amigo(s)	Na UFS	Matemática
ALI4FI	Mulher	19	Palmeiras/BA	S.Cristóvão/SE	3º	com amigo(s)	Na UFS	R. internacionais
JES4FF	Mulher	22	Ribeirão Preto/SP	Aracaju/SE	7º	com amigo(s)	Na UFS	M. Veterinária
JUL4FF	Mulher	21	Paulo Afonso/BA	S.Cristóvão/SE	7º	residentes	Na UFS	E. Mecânica
KAU4FI	Mulher	19	Miguel Calmon/BA	S.Cristóvão/SE	1º	com amigo(s)	Na UFS	Fisioterapia

ANEXO B – FICHA SOCIAL DO PARTICIPANTE

Nome: _____

Qual o curso? _____ Campus/UFS: _____

Qual a sua ocupação? _____ Gênero: _____ Idade: _____

Profissão dos seus pais: _____ / _____

Cidade/UF onde nasceu: _____

Cidade/UF onde mora atualmente: _____ Bairro _____

Mora ...

Na casa dos pais República Residência estudantil Casa própria

Onde almoça quando está aqui na UFS?

No RESUN Nos restaurantes Vai almoçar Traz de casa
da redondeza em casa

Como você vem para UFS?

A Transporte Transporte Carro Carona Taxi/Lotação/ Moto Bicicleta
pé coletivo escolar próprio Uber/moto
SETRANSP ou taxi
familiar

É bolsista?

Sim Não

Recebe algum auxílio estudantil?

Sim Não

Nº do Celular: _____

ANEXO C – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Perguntas de checagem

1. Qual o seu primeiro nome?
2. Qual a sua idade?
3. Em que cidade/UF você nasceu?
4. Em que cidade/UF você mora atualmente?
5. Em que bairro você mora?
6. Em qual campus você estuda?
7. Qual o curso?
8. Qual a sua ocupação?

Roteiro de entrevista

1. Qual o seu primeiro nome?
2. Onde você mora?
3. Há quanto tempo mora nesse lugar?
4. Sempre morou nesse lugar?
5. Gosta de morar em (cidade onde a pessoa mora)?
6. Você tem uma vida social ativa em onde você mora? Quais os lugares que você costuma frequentar?
7. Se tivesse oportunidade, moraria em outro lugar?
8. Seus pais sempre moraram em (cidade onde a pessoa mora)?
9. O que é atrativo na sua cidade?
10. Onde você mora é seguro?
11. Já aconteceu alguma coisa que te deixou assustado (a)? Do tipo estupro, assassinato, assalto, violência contra mulher e outras situações do tipo. (se aconteceu pergunte: o que? Como foi?)
12. Qual era a sua impressão acerca da UFS? Qual era a sua expectativa? Elas se confirmaram, ou não?
13. Qual o motivo de ter escolhido esse curso? Está satisfeito (a)?
14. Sempre foi sua vontade fazer este curso? (porque está cursando?)
15. Você trabalha? Em quê? Desde quando? Gosta do que faz?
16. O curso de graduação que você está estudando será útil à sua profissão? Fale um pouco sobre a área em que você pretende atuar.
17. O que eu deveria fazer para seguir a sua profissão/seu curso?
18. O que eu deveria fazer para conseguir uma vaga no mercado de trabalho e me destacar na sua área? Quais dicas TU me darias?
19. Você sente orgulho em ser aluno (a) da UFS? Você tentou mais de uma vez para ser aprovado (a)?
20. O que você acha do ENEM? Por quanto tempo você se preparou para esse exame?
21. Você está tendo ou teve a oportunidade de participar de projetos de pesquisa? (caso a pessoa esteja participando ou já participou, pergunte como foi a experiência, se contribuiu para sua formação acadêmica).
22. A sua área promove muitos eventos acadêmicos: congressos, seminários, encontros? Quando tem, você participa? Como você acha que eles contribuem na sua formação?
23. O que você acha que precisa melhorar aqui na universidade?
24. Como faço para chegar à reitoria/prefeitura/centro de vivência da UFS? Diga o passo a passo que tenho que fazer.
25. O que você está achando do cenário político do Brasil nesse momento?

ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro informante,

Estamos convidando-o a participar como voluntário de uma pesquisa de campo a ser realizada por meio da gravação de entrevista sobre temas relacionados a experiências de vida.

A coleta será realizada com o objetivo de desenvolvermos um trabalho acadêmico vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras.

A entrevista coletada ficará disponível no bando de dados do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade – GELINS; para ser utilizada em pesquisas futuras. Serão resguardadas todas as informações de identificação de forma que se mantenha o anonimato.

Não será cobrado nada, não haverá gastos e não estão previstos ressarcimentos ou indenizações.

Você poderá solicitar esclarecimento sobre a pesquisa em qualquer etapa do estudo. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação na pesquisa a qualquer momento, seja por motivo de constrangimento e/ou outros motivos. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Consentimento para participação

Eu, _____, idade: _____, estado civil: _____, RG: _____, estou de acordo com a participação no estudo descrito acima. Eu fui devidamente esclarecido quanto os objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetido e os possíveis riscos envolvidos na minha participação. Os pesquisadores me garantiram disponibilizar qualquer esclarecimento adicional a que eu venha a solicitar durante o curso da pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que a minha desistência implique qualquer prejuízo à minha pessoa ou à minha família, sendo garantido anonimato e o sigilo dos dados referentes à minha identificação, bem como de que a minha participação neste estudo não me trará nenhum benefício econômico. Ao mesmo tempo, libero a utilização de minha entrevista para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores, obedecendo ao que está previsto na Resolução do CNS nº 196/96. Autorizo também que ela fique disponível no banco de dados acima referido para ser utilizada em pesquisas futuras.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do (a) participante: _____

Assinatura do (a) pesquisador (a): _____

Assinatura do (a) coordenador (a)/orientador(a): _____